

Finais

infelizes

Popular

Já era noite quando Caio percebeu que passou metade do dia trancado em seu quarto, na frente do computador, observando a foto de sua turma da faculdade. Ele passou todo o dia observando o sorriso e a alegria que uma pessoa esbanjava, Carlos era essa pessoa. Carlos era sem dúvida a pessoa mais popular não só do seu curso, como de todo o departamento. Alegre, simpático e gentil, Carlos conversava com todas as pessoas, sempre tendo respostas ou questionamentos para os mais diversos temas, coisas como: Você viu aquela série nova? Nossa o jogo do flamengo ontem foi intenso! Qual o dia da próxima prova mesmo? O que vai ser o almoço do restaurante universitário hoje? Para todos esses assuntos ele era o requisitado das pessoas, nunca excluindo ninguém, inclusive um jovem estranho e desajeitado que tem muita vergonha de conversar com as outras pessoas. Até mesmo um “me empresta a caneta” é o suficiente para ele gaguejar e suar frio.

Caio tem total noção das dificuldades que encontra de conversar com as pessoas, e seu jeito excluído e distante funciona como uma proteção, já que as pessoas também não costumam conversar muito com o cara da tremedeira. Caio ficou conhecido assim pois no primeiro dia da faculdade, na hora das apresentações, ele ficou tão nervoso que mal conseguiu dizer seu próprio nome. Seus veteranos e colegas de turma começaram a rir dele, coisa normal de jovens universitários, alguns apenas ignoraram pois perceberam insegurança no rapaz, outros lançavam comentários de deboche e não disfarçavam as gargalhadas guturais. Apenas uma pessoa se levantou e auxiliou o pobre Caio, essa pessoa era Carlos, sem dúvida isso foi o gatilho para a popularidade

dele, afinal, quem não gosta de pessoas que enfrentam os bárbaros em prol do mais fraco? Neste dia Caio desenvolveu sua admiração por Carlos, seu “herói” momentâneo.

Os anos passaram, e depois desse único momento, desta fração de segundo, Caio nunca mais teve a oportunidade de conversar ou falar com seu “herói”, mas isso não impedia sua admiração e obsessão pelo jovem que todos gostavam.

No quarto ao lado Caio podia ouvir os gritos dos pais. Seu pai extremamente exaltado, discutia e às vezes agredia sua mãe. As brigas eram constantes, e quando sobrava para ele, o pai fazia questão de ofender o rapaz de todas as maneiras. A que mais incomodava Caio era o constante pedido do pai para ter um filho normal. Caio estava rezando para que hoje não fosse um desses dias, o semestre estava acabando e na manhã seguinte ele teria que enfrentar uma prova difícil. O que ele não sabia era que seu pai havia perdido o emprego e passou a tarde no bar. Toda vez que o pai bebia, uma coisa era certa, sua mãe apanharia e ele receberia sua chuva de ofensas. Milagrosamente suas preces foram atendidas. A discussão entre os pais acabou e alguns segundos após o silêncio, bateram na porta do seu quarto.

Sua mãe apareceu e disse – Meu filho você passou o dia todo trancado no quarto, mamãe fez empadão. Vou colocar aqui na mesinha pra você comer. Meninos da sua idade tem que se alimentar bem, ou você quer ficar todo raquítico que nem o filho da Márcia? Fiquei sabendo que ele foi pego com droga de novo pela polícia. Então Caio falou – Valeu mãe, eu tava morto de fome mesmo. Eu fiquei sabendo sim do filho da Márcia, ela me contou hoje cedo no ponto. Ele então fez

uma pausa e continuou – Está tudo bem com o papai? Quero dizer, com vocês? A mãe respondeu – Sim meu filho, está tudo bem sim, seu pai só teve um dia difícil no trabalho, mas vai passar. Agora come o empadão e vai tomar banho e escovar os dentes, esse seu quarto está com um cheiro de murrinha dos infernos. Caio mostrou um sorriso para mãe e disse – Boa noite mãe, eu te amo. A mãe segurando o choro disse – Eu também te amo meu filho, mais do que tudo nesse mundo. Sua mãe virou as costas, voltou a fechar a porta e pelo resto da noite o silêncio reinou sobre a casa.

Dia de prova para Caio começava com alguns ritos, ele sempre acordava meia hora mais cedo, para não correr riscos de atrasar e ter que entrar na sala com o professor já nela, na verdade Caio sempre era um dos primeiros alunos a chegar nas aulas, e normalmente um dos primeiros a sair, em dias de prova ele buscava chegar mais cedo ainda, normalmente abrindo a sala e sentando nas cadeiras mais ao fundo. Era um ritual constante, adquirido desde o primeiro ano do ensino médio, esse tipo de costume é difícil de largar, para Caio era quase impossível, era um mantra pessoal chegar cedo e abrir a sala. No café da manhã ele sempre tomava duas xícaras de café, uma pura a outra com leite. Comia meia fatia de pão, uma banana e embrulhava uma fruta para comer durante a prova. Para ele, esse ritual o ajudava a desenvolver melhor as ideias. Levantava antes mesmo que os pais, então ele tinha a cozinha toda para ele. O pão era caseiro, uma das especialidades da sua mãe. Comia sentado na mesa e depois de terminar lavava todos os utensílios utilizados e deixava a mesa posta, já que seu pai daqui a pouco levantaria para trabalhar. Caio ainda não sabia que o pai havia sido despedido, então deixou a xícara do pai ao lado da cafeteira, como

fazia todos os dias. Depois do café, ele escovou os dentes e saiu rumo a faculdade e a sua temida prova de fim de semestre.

A prova não foi tão difícil quanto ele esperava, ele tinha certeza de ter acertado a maior parte das questões, ficou com dúvida em apenas uma questão, mas por sua sorte era a que valia menos pontos. Mesmo tendo achado a prova fácil Caio foi um dos últimos a terminar, afinal, ele revisava linha por linha das respostas, depois de revisar ele passava a caneta nas respostas, ele sempre preferiu escrever de lápis primeiro, pois assim nas suas revisões algum conteúdo podia ser apagado e reescrito sem estragar ou rasurar a folha da prova. Quando estava saindo da sala, ele viu os companheiros de turma conversando sobre a festa de fim de período, algo nele, bem no fundo, sentiu uma vontade de ficar parado por ali para ver se ouvia algum detalhe da festa, ou até mesmo para ver se era convidado. Foi uma intuição muito forte que o fez ficar por ali, tão forte que mesmo toda sua fobia social não foi suficiente para quebrar o encanto de permanecer pela universidade. Ficou disfarçando, lendo os avisos pelos murais do prédio enquanto reparava no grupo que estava organizando os detalhes. Carlos estava à frente do grupo, oferecendo opções de lugares para comprar bebidas e se dispondo a buscar alguns colegas de carro. Caio percebeu que Carlos olhava para ele em alguns momentos, e em todos os momentos Carlos soltava um sorriso fácil e Caio mudava o olhar para disfarçar que estava observando e que possuía interesse na festa. O que ele não sabia era que suas habilidades de ser discreto são tão boas quanto as de se comunicar com as pessoas, e que todo o grupo já havia reparado que ele observava e começaram a tecer comentários maldosos sobre o rapaz. Uma das moças no grupo falou – Olha lá o tremedeira olhando

pra gente, hahahaha, eu acho que ele tá querendo ir na festa também. Coitado. Outro rapaz disse – Esse cabaço nunca deve ter bebido na vida, vai ser muito engraçado deixar ele bebão pra ficar rindo das merdas que ele vai fazer depois. Talvez até se cague. Uma outra moça – Nós temos que levar ele, mas quem vai convidar? Ele me dá arrepios as vezes, não duvido nada que ele vai entrar armado um dia e tentar matar todo mundo, igual aqueles casos americanos lá. Eu é que não vou chamar o futuro jack estripador. Outra moça então disse – Claro que é o Carlos que vai chamar ele, quem aqui lembra do Carlos defensor dos fracos e oprimidos no primeiro dia de aula? Além do mais todo mundo sabe que ele fica te secando. Deve tá doidinho pra te pegar, hahaha. Então Carlos disse – Tudo bem, eu chamo o cara, na boa, vocês são muito maldosos com o pobre do rapaz. Mas tem uma condição, ninguém vai ficar zoando o cara lá. Talvez essa seja a chance dele de se soltar e conversar com todo mundo. Vocês nunca deram uma chance pro cara e ficam falando isso dele. Então o rapaz retrucou – Você também não fala o tempo inteiro com ele né não oh madre Tereza? Por que você não vira best-friend do tremedeira então? Vamos, quero ver. Carlos respondeu – Parceiro, primeiro de tudo, não sou obrigado a ficar conversando com o cara. Só não acho legal vocês pegarem pesado com o coitado, tudo bem que ele é estranho e tal. Mas poxa, precisa ficar excluindo o cara das paradas? Enfim, eu vou lá convidar ele, porque senão ele vai ter um torcicolo de tanto olhar pra cá.

Carlos então saiu do grupo e se aproximou. Nesse momento Caio achou que iria desmaiar de tão nervoso, sua cabeça ficou a mil, começou a pensar se ele estava vindo para reprimir e dizer que é escroto da parte dele ficar observando as pessoas ou mesmo se iria

dizer que ele é um merda e que nunca iria ser chamado para festa. Quando Carlos se aproximou e começou a falar, Caio achou que iria morrer de tão nervoso, ele estava suando frio e pálido, já esperando a repreensão daquele que a dois anos atrás o salvou de ser humilhado pelos outros. Carlos então falou – Mano você está bem? Quer um pouco de água? Tu tá parecendo que viu um fantasma parceiro. Não responde, ele tá atrás de mim não está? Carlos então olhou para trás e voltou a olhar para Caio com seu sorriso fácil. Caio então respirou fundo e respondeu – Não, não. Eu estou bem. Fez uma pausa como se estivesse calculando as palavras e voltou a dizer – É que eu ouvi vocês falando sobre uma festa de fim de período, e eu fiquei pensando se podia ir. Mas como você deve saber. Novamente uma pausa – Eu não sou muito bom em me enturmar e tal. Achei que vocês iriam rir de mim por querer ir na festa, já que nunca conversei com ninguém da sala. Carlos colocou a mão no ombro de Caio e sorrindo disse – Cara eu vim aqui justamente pra te convidar, e a ideia foi da própria galera. Carlos parou de falar, olhou para os dois lados e começou a falar mais baixo, meio que em tom de segredo – Eu também tenho dificuldade de conversar com as pessoas. Caio num susto, soltou um sorriso e disse – Você? Impossível. Você é o cara mais legal do curso, todo mundo te adora. Carlos gargalhou alto desta vez e disse – Não cara, aí que você se engana, eu só sou legal com todo mundo. Não acho que sou esse rolê todo ai não. Mas vamos fazer o seguinte. Tu tem celular? Vou te passar meu número que daí vamos trocando ideia da festa. Caio imediatamente tirou o celular do bolso e disse – Pode falar o número. Não tem problema mesmo se eu te mandar mensagens e tal? Carlos sorriu e respondeu – Claro que não, imagina. Só não garanto que vou

responder rápido. Tem mina que fica puta comigo por causa disso, às vezes eu demoro dias pra responder alguém. Muito ocupado ajudando em casa, trabalhando e tals, mas pode mandar mensagem sim mano, eu não morde.

Eles trocaram números e então Carlos se despediu de Caio, que foi para casa transbordando de alegria. Ele acreditava que esta festa seria a oportunidade que mudaria sua vida, seria o momento que o mocinho e a mocinha ficam juntos no final dos filmes de comédia romântica. Seria o momento definitivo de sua vida acadêmica. Chega de ser excluído, chega de ter vergonha das pessoas, nessa festa Caio estava disposto a conversar com todos e finalmente se livrar das correntes da timidez. E o melhor de tudo, tinha o contato do Carlos, que se mostrou mais uma vez seu “herói”, e sem dúvida o cara mais legal da faculdade.

Naquela noite Caio não precisou ficar observando a foto da sua turma para ver o sorriso no rosto de Carlos, ele tinha seu contato, sua foto do WhatsApp era muito melhor que aquela da faculdade, era ele inteiro, sozinho, com o mesmo sorriso estampado no rosto. Caio não queria adicionar Carlos em suas redes sociais, e as fotos dele eram todas privadas, ou seja, apenas amigos conseguiam acesso, ele não queria tê-lo como amigo pois sabia que essa obsessão seria quase impossível de controlar se tivesse um acesso ilimitado às fotos do rapaz. Teve certeza disso quando viu a foto do perfil de Carlos. Imediatamente ele abriu o aplicativo pelo computador e copiou aquela foto, guardou em sua pasta oculta na área de trabalho, como esse era o único computador da casa, seus pais também tinham acesso a

máquina, e encontrar uma pasta escrito Herói contendo fotos de um colega de sala seria difícil demais para explicar.

Caio tomou coragem e enviou uma mensagem para Carlos, apenas um oi, tudo bem? Nada demais, nada que levasse alguém a suspeitar que ele passou horas observando a tela do celular pensando no que escrever para não parecer desesperado por atenção. O tempo passou, aproximadamente duas horas desde o simples oi, tudo bem? Nenhuma resposta veio pela outra parte, nem mesmo a visualização. A cabeça de Caio começou a pensar diversas coisas, coisas como: ele deve ter visto e ignorado, afinal de contas, por que perder tempo respondendo esse merdinha, ou mesmo, olha só, uma mensagem do Caio, tadinho, tá doido por atenção, viado de merda. Essa última logo saiu de sua cabeça, afinal, Carlos era legal demais para dizer essas coisas. Um outro pensamento tomou conta da cabeça de Caio, seria ele homossexual? Afinal, ele nunca se interessou por garotas, nem mesmo enquanto criança, quando a filha da vizinha vivia em sua casa. Os dois brincavam o dia inteiro, os pais de ambos viviam comentando que eles deviam casar. Todas as datas comemorativas como dia dos namorados, natal, páscoa entre outras eles trocavam presentes. Seu primeiro beijo foi com essa garota, se ele pode chamar aquele selinho de beijo de verdade. Até o dia que essa jovem adoeceu e seus pais descobriram que ela possuía um tipo raro de leucemia, o tratamento era muito caro, eles tiveram que vender a casa, carro e tudo o mais para poder bancar, até o dia que se mudaram e Caio não teve mais notícias da sua tão querida amiguinha de infância. A lembrança dela o fez chorar, ele não sabia explicar o porquê. Talvez lá no fundo ele sabia que se ela ainda estivesse morando na casa ao lado sua vida seria completamente

diferente, tanto em relação com as pessoas e até mesmo com seu pai. Talvez ele tivesse orgulho do filho, afinal, o garoto tinha uma namorada. Não quis nem pensar o que seria dele se o pai desconfiasse dessas fotos de Carlos em seu computador.

Enquanto Caio se perdia com esses pensamentos a resposta que ele tanto aguardou veio. Carlos respondeu sua mensagem com um - Opa mano, tudo blz? Caio quase enfartou ao ver a resposta. Imediatamente ele começou a digitar sua resposta quando pensou que talvez responder tão rápido pudesse ser meio desesperado, mas a questão é, Carlos havia dito que às vezes demorava dias para responder alguém, se ele perdesse essa chance, quando seria a outra oportunidade de trocar mensagens com seu herói? Ele respirou fundo e começou a digitar - Tudo sim Carlos, como passou o dia? Ah novamente muito obrigado pelo convite, estou bastante ansioso para esta festa. Alguns segundos passaram até que Carlos recebesse a mensagem e começasse a digitar a resposta. Carlos então respondeu – Relaxa cara, amigo é pra essas coisas. Mas aí o que tu manda pra gente? Novamente a cabeça de Caio parecia explodir, seu coração quase saia pela boca. Uma vontade de gritar percorreu todo seu corpo, que logo foi silenciada ao lembrar que no quarto ao lado seus pais já deviam estar no sétimo sono. A palavra amigo ficou registrada em sua memória, como uma tatuagem fica no corpo de alguém. Nada faria Caio esquecer desse momento. Seu herói, aquele que ele passou anos admirando o chamou de amigo. Caio demorou quase uns dez minutos para responder aquela mensagem, ele não fazia ideia do rumo que podia tomar aquela conversa. Começou a imaginar que iria se empolgar demais e contar sobre sua pasta com as fotos do rapaz, começou a

pensar no quanto Carlos poderia achar essa atitude doentia e nunca mais conversar com ele. Mas tomou coragem e digitou – Mesmo assim eu agradeço de verdade. Já tem o local definido? Eu não tenho carro, daí já viu né. Vou ter que ir de buzu. Depois de alguns minutos Carlos respondeu – Cara relaxa, quando o lugar estiver marcado você vai ser o primeiro que vou avisar. E a respeito do ônibus, eu acho que tu mora perto da minha casa, eu passo ai e te pego. Tu vai de carro comigo, se quiser é claro. Neste momento Caio teve certeza que estava morto e isso era o paraíso. Ficou embasbacado com a resposta, não só pelo convite de ganhar uma carona no carro de Carlos, mas pelo fato dele saber aonde Caio morava, e de que uma forma muito particular, eles eram quase vizinhos. Caio retornou a chorar, dessa vez, não lágrimas de tristeza por uma amiga que era tudo para ele e a vida fez com que se separassem, dessa vez elas vieram pois aquele que ele adquiriu uma obsessão profunda, um tipo de paixão platônica, se importa tanto com ele a ponto de saber aonde mora e ainda o convidar para chegarem na festa juntos.

Caio com muito medo de escrever algo que pudesse estragar todo esse momento achou mais sábio se despedir e retomar a conversa uma outra hora, pois nesse curto intervalo de tempo muitas vitórias foram alcançadas, Caio parou para refletir sobre o dia e teve certeza de que este foi o melhor de sua vida nos últimos anos. Seu coração encheu de esperança, começou realmente a acreditar que dessa vez as coisas iriam ser diferentes, começou a visualizar sua vida no próximo semestre, fazendo trabalhos em grupo com Carlos, indo almoçar no restaurante, comemorar seu aniversário com os outros colegas de sala, se Carlos liderasse o grupo é claro. Carlos, Carlos, Carlos, infinitamente

Carlos. Neste momento Caio teve a certeza de uma coisa, ele amava seu herói.

Duas semanas passaram desde a noite mágica de Caio conversando com Carlos, neste meio tempo, todas as fotos que Carlos colocava como status no seu WhatsApp iam para a pasta oculta em seu computador. O bom humor de Caio refletia mudanças dentro de sua casa. Conseguiu sair com seu pai, neste ponto ele já tinha conhecimento do desemprego de seu pai, e fazia de tudo para ajudar na procura por um novo trabalho para ele. Montou um novo currículo, guardava as melhores vagas que encontrava nos jornais, pela internet e durante os noticiários da tv. Seu pai por mais de 10 anos trabalhou como Soldador, para ele, soldar algo era como andar, tão natural que beirava a perfeição. Foram dias muito agradáveis entre pai e filho, neste meio tempo nenhuma briga ocorreu em casa, nenhuma ofensa ou briguinha que seja, literalmente reinava a paz no lar. A única coisa que preocupava a mãe de Caio veio dos noticiários, que registraram o aparecimento de um jovem que estudava na mesma faculdade que seu filho. Este jovem estava desaparecido há exatamente uma semana. Quando a chamada da notícia apareceu, a mãe de Caio o chamou imediatamente para assistir. Caio se levantou do computador, fechou a página de empregos que estava olhando para seu pai e foi até a sala se aconchegar com sua mãe. A repórter começou então a dizer: Foi encontrado nesta manhã o corpo do jovem Artur Peçanha, que estava desaparecido a sete dias, os familiares da vítima não sabem como reagir a perda do jovem de apenas 19 anos. O corpo foi encontrado perto do lago presente na instituição, no corpo, marcas de tortura e lacerações. O curioso que veio a ser destacado pela perícia, foi a falta

de um dente no rapaz. A família foi consultada para averiguar se o jovem havia extraído recentemente algum dente, porém, foi negado pela família que o jovem tenha passado por tal processo. As investigações continuam, e ainda não se tem suspeitos. Sem dúvida um crime terrível, assim que novas pistas foram encontradas voltaremos com a exclusiva do caso, Marcia é com você ai do estúdio. A âncora Márcia então continua o noticiário dizendo – Um crime realmente chocante, e fica um alerta para os jovens que frequentam a instituição. Se vocês presenciaram algo estranho, procurem as autoridades mais próximas e denunciem. Seguindo agora com o trânsito.

A mãe de Caio horrorizada pergunta ao filho – Você conhecia esse rapaz meu filho? Caio ainda chocado com a notícia respondeu – Bem, conhecer é difícil. Ele sempre estava pelos cantos lá no meu prédio. Nunca vi ele conversando com ninguém. A única coisa que lembro dele é que ele cheirava meio mal, as pessoas chamavam ele de peixeiro. A mãe de Caio horrorizada disse – Credo meu filho, respeita o pobre do rapaz, que Deus o tenha. Mesmo assim, que triste pra família né, um menino tão novo. Não sei o que faria se isso acontecesse com você. Caio ficou parado sentado no sofá enquanto a mãe se levantava para preparar o almoço. Ele de alguma forma sentiu pena do rapaz, sabia por alto que os familiares do jovem não eram do estado, e que até eles chegarem o corpo não vai ter ninguém para recebê-lo e agilizar o enterro. Ficou pensando em como os pais deram por desaparecido o filho. Imaginou que eles deviam ligar todas as noites para saber notícias e se tudo ia bem, alunos que vem de outro estado ou que são do interior geralmente têm rotinas assim, todos os dias devem atender a ligação dos pais e contar do progresso, afinal, é o dinheiro suado dos pais que

os mantém na cidade. Estranhou o fato de ter sido o Artur a vítima. O cara conseguia ser mais excluído e isolado que o próprio Caio. Enfim, deixou a matéria de lado, afinal, ele só devia estar no lugar errado, na hora errada, e logo o suspeito seria encontrado. Ele então se levantou e foi para o quarto. Quando se sentou na cadeira do computador ele viu que havia recebido uma mensagem pelo aplicativo. Correu para ver e a alegria invadiu seu coração novamente, se ainda restava alguma preocupação a respeito da reportagem ela se perdeu nesse momento. Carlos havia enviado a data e o local da festa, dizendo que passaria na casa dele para buscá-lo. Ela seria daqui a quatro dias num salão de festas perto da faculdade, provavelmente um dos lugares mais baratos. Carlos disse também que pagava a parte dele, e que queria muito que ele fosse a festa para se enturmar com os colegas de sala. Esse foi o momento de êxtase para Caio. Em sua cabecinha várias hipóteses começaram a nascer, e pela primeira vez em muito tempo, pensamentos positivos ocupavam sua cabeça, ele começou a ter certeza de que Carlos sentia algo por ele. A dúvida a respeito do que sentia por Carlos se foi, ele tinha certeza do que sentia, sabia que queria Carlos, sabia que o desejava como nunca desejou nenhuma pessoa. No momento dessa mensagem Caio soube, sua obsessão por Carlos era amor.

Nos dias que antecederam a festa outro corpo de um jovem universitário foi encontrado, no mesmo lugar e com a mesma característica, faltando um dente da boca do rapaz. Esse jovem Caio não conhecia, na verdade nunca tinha ouvido falar do mesmo, duvidou até se o rapaz estudava na faculdade mesmo. Dessa vez a repórter trouxe algumas informações sobre o caso, Caio voltou a atenção para a

tv, afinal, era o segundo corpo encontrado no seu campus em menos de um mês. A repórter começou a falar – A polícia informou a redação que crimes com particularidades semelhantes a esse aconteceram dois anos atrás. Os alvos é que mudaram, nos crimes anteriores as vítimas eram mulheres na faixa etária dos 30 anos, e por esse motivo a polícia demorou fazer a ligação, porém a falta do dente e o padrão dos cortes é o mesmo. Na época não se teve pistas sobre o paradeiro do assassino e sua identidade ainda é um mistério. A polícia ainda não tem pistas do motivo pelo qual suas vítimas agora são jovens universitários. Ainda sobre a primeira vítima Artur Peçanha, algumas informações foram apresentadas, seus pais residem em Minas Gerais, assim que chegaram, deram uma entrevista exclusiva ao nosso jornal, na entrevista eles afirmam que o jovem era tranquilo e que não tinha problemas com outros estudantes, eles afirmaram que o jovem era alvo de provocações de outros colegas de curso, mas que nunca houve uma queixa grave do filho sobre os maus tratos sofridos. Poucos jovens falaram a respeito do acontecimento, aparentemente Artur era pouco conhecido e possuía poucos amigos. O que leva a polícia a questionar se esse não é o novo padrão do assassino ou se este é apenas um imitador. Ainda foi informado pela polícia que na época foram encontrados seis corpos de mulheres, todas com um dente a menos e na faixa etária de trinta anos.

Caio desligou a TV, não quis ver o fim do noticiário, aquilo era mórbido demais, não queria ter medo de voltar para a universidade. O que ele queria agora era se concentrar em Carlos e em tudo que eles poderiam viver depois daquela festa.

O dia da festa chegou, Carlos pontual como um relógio suíço chegou a casa de Caio às 18:00. Quando a buzina soou Caio ainda estava terminando de se arrumar, acelerou o passo, por algum motivo não queria que seus pais vissem o rosto de Carlos, teve medo que de alguma maneira ele tenha esquecido a pasta com as fotos do rapaz desprotegidas, e não queria ter que explicar tudo isso agora. Se imaginou em vários cenários explicando para os pais que este rapaz era seu amado, e em nenhum desses cenários as coisas terminaram bem. Saiu correndo, se despediu dos pais, e chegou ao carro. Neste momento seu mundo caiu, Carlos não estava sozinho, no banco da frente estava Júlia, uma das garotas mais bonitas do curso, pelo menos era o que os rapazes diziam sobre ela nos corredores, para não descer o nível dos comentários. Eles se cumprimentaram e então Carlos disse – Entra ai cara, a porta de trás está aberta, esqueci de avisar que a Júlia iria com a gente. A Júlia com um sorriso simpático disse – Não precisa ficar com vergonha gatinho, eu não mordo. Carlos me disse que você quer se enturmar com a galera. Pode ficar tranquilo que vamos te ajudar. Caio ficou atônito, não conseguia demonstrar nenhuma reação. Todos os planos que havia construído foram desmoronados diante de seus olhos. Em momento algum ele imaginou que Carlos poderia levar uma mulher no carro com eles, muito menos que ele poderia ter uma namorada, neste momento sua cabeça voltou a funcionar, fora das fantasias e o pensamento lógico veio à tona. É claro que ele teria uma namorada ou pelo menos uma paquera, ele era bonito e legal, quem não queria se relacionar com ele? Esses pensamentos foram cortados quando Carlos começou a falar – Então mano, está tudo bem? Você tá parecendo que viu o capeta. Quer que eu pare o carro? Na moral, não

vomita no banco não. Me matei pra limpar essa parada. Eu paro o carro pra você. Caio voltou a si e respondeu – Não precisa, relaxa ae. Eu só estou um pouco nervoso. Primeira festa da faculdade, é isso. Carlos e Júlia riram do comentário e então Júlia disse – Relaxa gatinho, todo mundo lá é meio cuzão, mas no fundo são gente boa. Caio forçou um sorriso, respirou fundo e começou a falar – Vocês viram as notícias dos corpos lá no campus? Carlos disse – Cara eu vi sim. Parada pesada né. Fiquei com pena dos pais do tal do Artur lá. Ele era do nosso curso não era? Júlia respondeu – Sim, era sim. Tadinha da mãe dele. Carlos chorou vendo a coitadinha. Caio mais uma vez ficou atônito, como ela sabia que ele havia chorado? Será que eles já estão juntos desse jeito, tipo, dormindo juntos. Seu coração parecia saltar da boca, ele se esforçou muito para calcular as palavras e em seguida perguntou – Vocês assistiram o noticiário juntos? Júlia respondeu – Sim gatinho, eu dei uma escapulida da república de madrugada e parei na casa do nosso intrépido motorista. Carlos sorrindo disse – Não foi bem assim a história, alguém me ligou de madrugada dizendo que não conseguia dormir sozinha, eu só fui cavalheiro e busquei esse alguém, salvando ela dos perigos da noite. Carlos soltou um risinho olhando bem para Júlia que continuou – É, talvez a sua versão seja a mais verdadeira. Caio, é esse o seu nome né? Caio acenou com a cabeça em afirmação para Júlia. Ele estava meio desligado, parecia que não havia mais chão entre seus pés. Júlia então prosseguiu – Você tem namorada? Ou alguém que é dona desse seu coraçãozinho? Caio voltou a si e por um instante quase disse o nome do Carlos, mas conseguiu conter esse impulso, e por um segundo refletiu que ninguém nunca havia perguntado sobre isso. Ele então respondeu – Teve uma moça que

gostei uma vez, ela era minha amiga de infância, mas eu não quero falar sobre isso agora. Júlia deu de ombros e se voltou para o rádio do carro. Então disse – Caio, o gosto musical do Carlos é seu maior defeito, você vai presenciar isso agora. Ela então ligou o rádio e ao fundo o som de Survivor começou a tocar. Caio reconheceu como “I Can't Hold Back” a canção que tocava e disse – Isso é Survivor né. Meu pai tem uma coleção de Cd's com rock dos anos 80 e 90, tem muita música deles lá. Carlos então disse – Seu pai sabe o que é música boa então. Survivor é fodástico demais, então começou a cantar o refrão imitando a bateria da música no volante. Júlia deu um risinho e falou – Tudo bem grande avó do rock, eu posso colocar o pen drive que te dei com umas musiquinhas mais legais pra tocar? Carlos respondeu – O carona não decide a trilha sonora da viagem não, mas como eu não consigo falar não pra esse sorriso lindo, eu faço uma contraproposta. Pega o pen drive que eu trouxe, tem muita coisa boa lá. Você não se importa né Caio? Caio acenou com a cabeça que não se importava. O pen drive foi inserido e “Bonfire” começou a tocar. Júlia então comentou – Agora sim, música de verdade. Caio se mostrou perdido então Júlia disse – Childish Gambino que tá tocando gatinho, Donald Glover é maravilhoso. Caio continuou meio confuso e comentou – Donald Glover o ator? Júlia sorrindo respondeu – Childish é o nome de músico dele, o cara é bom como ator e como músico. Carlos comentou – Eu acho que tenho que ficar preocupado a respeito do Donald então, esse brilho nos olhos que você faz pra ele, eu nunca consegui arrancar um parecido. Neste momento na cabeça de Caio um pensamento veio à tona, dizendo – talvez se você olhar para trás vai ver o brilho de encanto mais legítimo do mundo, eu sou seu maior admirador. Eu te amo.....

O resto do caminho até a festa foi quieto, sem comentários ou conversas. Apenas curtindo o som das músicas desconhecidas para Caio, mas que para o casal a sua frente faziam todo o sentido. Uma pontada de inveja subiu em seu coração, mas no fundo ainda queria aproveitar a festa, afinal, passaria uma noite ao lado de seu amado, e nada poderia estragar isso para ele.

Ao entrarem na festa Caio percebeu, no fundo do seu coração, que tudo que havia planejado iria ruir. Carlos estava de mãos dadas com Julia, entraram juntos na festa, agora todos sabem que eles são um casal. Tudo isso na frente de Caio, nem mesmo uma disfarçada para não magoar os sentimentos do rapaz. Neste mesmo momento Caio pensou: Como ele pode saber que isso me magoa? Ele não sabia que eu existia até semana passada, muito menos que gosto dele.

Enquanto Caio se encontrava perdido em seus pensamentos, Carlos comentou – Gente, eu vou entregar as bebidas que trouxe e já pegar uma cerveja geladinha pra gente. Quando Carlos começou a se distanciar ele parou, virou as costas e perguntou – Caio, tu bebe? Se não eu pego um refri pra você. Caio deu de ombros com um gesto de que tanto faz. Carlos entendeu como uma afirmativa e caminhou em direção ao freezer para depositar as bebidas que havia levado e pegar a cerveja para seus dois convidados. Neste meio tempo Julia percebendo o olhar meio perdido de Caio que ainda estava parado ao seu lado, comentou – Gatinho, tu gosta dele né? Pode falar pra mim. Caio neste momento ficou muito corado e encabulado ao mesmo tempo. Não sabia que era tão evidente seus sentimentos por Carlos, ele foi pego tão de surpresa pela pergunta da garota que ficou totalmente sem reação, Julia

por sua vez ao observar a expressão no rosto do garoto continuou – Eu sabia! Mas olha, pode desistir. Isso é um conselho de amiga. Primeiro, Carlos tá saindo comigo. Segundo, ele não é gay e terceiro, ele seria um idiota se trocasse tudo isso por você, né queridinho. Julia terminou a frase deslizando as mãos pelo corpo. Caio ouviu tudo que ela tinha a dizer, o rubor de nervosismo subiu por todo seu corpo, o rosto que antes estava ruborizado por vergonha, agora estava por raiva. Ele olhou bem nos olhos dela, sem entender como essa fúria existia dentro dele. Respirou fundo e disse – Olha aqui, isso quem vai decidir é ele. Você não é isso tudo não. E eu posso encontrar maneiras de fazer ficar menos ainda. Não tá esquecendo que tem um assassino matando as pessoas do nosso campus? Quando Caio disse isso seu coração acelerou de tal maneira, que por um instante ele realmente acreditou estar confessando um crime. Julia por outro lado, se encontrava pálida de medo, talvez ela realmente tenha acreditado na ameaça do rapaz e ainda pior, acreditou que ele podia ser o tal assassino. Carlos chegou no meio dos dois e logo percebeu a expressão de mal estar no rosto de Julia e disse – Gatona, o que aconteceu? Você está se sentindo bem? Não houve resposta pelo lado de Julia, Carlos então, olhando para Caio com um olhar ao mesmo tempo reprovador e indagador, disse – Cara, o que você fez com ela? Caio sem reação também ficou imóvel, uma gota de suor frio percorreu toda sua espinha, ele respirou fundo e disse – Eu não disse nada, nós estávamos conversando e ela ficou assim. Caio disse isso olhando friamente para Julia, esperando que ela não desmentisse, se isso acontecesse ele poderia esquecer qualquer chance com Carlos. Ela não o fez, Julia respirou fundo e disse – Carlos, vamos embora por favor? Eu não estou me sentindo bem. Acho que foi

algo que comi. Carlos confirmou com a cabeça que sim, se virou para Caio e disse – Você se vira pra ir embora né? Caio fez que sim com a cabeça, torcendo para que Júlia não dissesse nada sobre esta conversa, afinal, todos já achavam ele estranho, nada impediria de acreditarem que ele poderia ser o assassino. Caio viu Carlos se afastando, junto de Julia e em sua cabeça a ideia que ficava era, será que seria tão ruim ser o assassino? Se tirasse Julia do caminho talvez Carlos ficasse disponível para ele. Um pensamento cruel sem dúvida, mas Caio não conseguiu evitar o sorriso mórbido que a ideia trouxe. Imediatamente percebeu o quão errado era tudo isso e procurou algo para apagar essa ideia terrível de sua mente, principalmente de seu coração. E numa festa universitária o que não falta são meios para apagar as ideias, se dirigiu ao bar, se sentindo muito confiante. Como nunca havia se sentido. Pediu aos rapazes que estavam preparando um drink que completassem um copo para ele. Todos surpresos com a atitude e a presença de Caio na festa, concordaram e deram para ele o primeiro copo do drink, que era feito com tequila, vodca, rum e whisky. Tinha o nome de Vela preta pois, pelos próprios idealizadores do drink, o caixão já é garantia para quem toma o drinque. Caio virou o copo como um profissional. Sentiu a bebida queimar sua garganta ao descer, sentiu todo o amargor, todo o calor que ela espalhou por seu corpo, como um abraço muito carinhoso de mãe. Sentiu também um ardor por sua virilha, o deixando semi rijo. Com um princípio de ereção, sem dúvidas a bebida lhe despertou um tesão mórbido ao entender por que o pai busca se embriagar, esse tesão veio pelo fato de, ao virar este copo todas as ideias perturbadoras que rondavam sua cabeça se foram,

apenas ficou a vontade de mais um copo. A vontade não, a necessidade.

Os maldosos “amigos” da festa não negavam a sede insaciável de Caio, sempre completando seu copo, rindo das tentativas do rapaz tentando se manter de pé após o quarto copo de Vela Preta. Todos riam e embebedavam o rapaz, que não recusava mais um copo, Caio sentia que sua consciência ia deixando a mente e abrindo espaço para o vazio da bebida. Sempre que tentava se focar para parar, um novo copo aparecia em sua mão. Caio percebeu que não tinha mais controle sobre o que dizia. Sentia que cada momento que seus olhos fechavam, horas se passavam, e cada vez que abria os olhos, mais pessoas riam dele. Quando deu por si, estava só de samba canção em cima da mesa, enquanto todos à sua volta gritavam para que ele continuasse a tirar as roupas. Neste pequeno sopro de consciência Caio conseguiu descer da mesa, vestir suas roupas e pedir para que o acompanhassem até a saída da festa. Todos riram do pedido do rapaz, porém o medo de o rapaz entrar em coma alcoólica falou mais alto e os “amigos” da festa o guiaram até um sofá, pediram para que ele ficasse ali deitado até o efeito do álcool passar. Caio sem condições de recusar acenou que sim com a cabeça, ao balançar a cabeça para o aceno ele sentiu pela primeira vez o lado negativo da bebida. O mundo girou a sua volta e o enjoo foi imediato, Caio vomitou até só restar a bÍlis estomacal em seu corpo. Os rapazes que antes riram e debocharam do rapaz agora se encontravam preocupados e tensos. Deixaram o rapaz deitado no sofá com um balde ao lado, e de tempos em tempos vinham checar se o mesmo ainda estava mal. A festa não acabou por isso, e todos continuaram a beber, se pegar, curtir a música e com o tempo Caio foi

ficando esquecido, até o momento que ninguém mais vinha checar o rapaz alcoolizado. Horas se passaram, a festa já estava em seus momentos finais, Caio conseguiu se sentar. Sua cabeça girava como nunca, mas pelo menos ele conseguia colocar as ideias no lugar. Percebeu que precisava levantar e se dirigir ao ponto de ônibus, sabia que se demorasse mais não teria como voltar para casa. Seu celular estava sem bateria, e com o retorno breve da consciência, sua vergonha veio junto, o que tornava pedir para alguém solicitar um Uber para ele um grande sacrifício. Caio aproveitou que as pessoas que continuaram na festa estavam distraídas se pegando, para se levantar e caminhar até o ponto de ônibus. Cada passo ainda era um desafio, o mundo ainda girava bastante e ele tinha certeza que cairia antes mesmo de sair da festa. Caio procurou forças onde não tinha para se manter de pé e com muito esforço conseguiu chegar ao ponto de ônibus. O ponto era em frente a universidade, o local da festa era realmente próximo, Caio ficou refletindo sobre essa proximidade enquanto tentava calcular o tempo que demorou para atravessar a avenida e andar a reta que deveria ser uma caminhada de uns 20 minutos, para ele tudo isso pareceu 5 segundos. Caio sentou no ponto, ainda com a visão embaçada e esperou o ônibus. Neste tempo sentado esperando, Caio caiu no sono muitas vezes e teve certeza de perder seu ônibus em algumas dessas cochiladas. Não fazia ideia das horas e teve certeza que dormiria na rua, pior, sentado no banco do ponto de ônibus, ele tentou levantar mas concluiu que não tinha forças para isso. O desespero tomou conta dele, e as lágrimas vieram. Algumas horas passaram, ou minutos, Caio não conseguiu ter certeza, ele viu ,saindo da universidade, o carro de Carlos. Juntou forças e gritou o nome dele,

o carro parou e Caio pode ver Carlos, que estava meio assustado por ter sido reconhecido por alguém. Quando ele percebeu que Carlos vinha com o carro em sua direção um sorriso largo apareceu em seu rosto, Caio teve certeza que não dormiria na rua e que novamente seu herói o salvaria. Ao olhar para Carlos, Caio reparou que ele estava diferente, meio sujo, mas como tudo parecia meio confuso ele não deu muita importância. Carlos parou o carro, abriu a porta e disse – Vamos, entra logo, ninguém pode ver a gente uma hora dessas. Caio viu o rosto de Carlos muito sério, como nunca havia visto. Tinha a aparência de alguém muito mal pensou ele. Caio tentou se levantar para entrar no carro mas o cansaço e o álcool falaram mais alto e ele desmaiou.

Acordou no outro dia totalmente assustado, e com uma sede tremenda, ao tentar se levantar sua cabeça latejou com tanta força que ele acreditou que morreria. Tudo girou com o simples esforço de se levantar da cama. Neste momento a porta do seu quarto se abriu e a mãe de Caio apareceu e começou a falar – Meu filho, o que você fez ontem? Por que beber tanto daquele jeito? O Motorista do Uber que te deixou aqui na porta não sabia se te deixava aqui ou em um hospital. Passei a noite toda acordada tomando conta de você. As lágrimas desciam no rosto da mãe preocupada com o filho, ao mesmo tempo que no coração dela o medo era outro. De o filho ser tão propenso a bebida como o pai, que por sorte de Caio, estava em um bico de segurança que arranjou, e não viu o filho no estado que chegou a noite. Ela tinha certeza de que se o pai o visse assim, ele teria espancado o filho. Caio sem reação perguntou – Eu cheguei de Uber? Jurava que tinha... Ele refletiu bem e percebeu que não podia falar de Carlos, sua cabeça doía tanto que ele não conseguiu terminar a frase. O vômito veio antes

mesmo que ele pudesse pensar no fim da pergunta que estava fazendo para sua mãe. Ela colocou o balde na frente do filho e correu para pegar um pano com gelo para a cabeça do garoto. Ao voltar ela disse – Meu filho, você nem lembra como voltou pra casa? O rapaz do Uber disse que te pegou na festa, que você estava sentado no meio fio e que ele teve que te carregar até o carro, por que você estava tão bêbado que não conseguia entrar no carro. Dei até uma gorjeta por todo o trabalho que ele teve. Caio estava muito confuso, não conseguia dizer nada a mãe naquele momento, a única coisa que tinha em sua cabeça era que tinha vindo com Carlos, e que ele parecia outra pessoa. Uma pessoa cruel, como Caio nunca tinha visto. Após as lamúrias da mãe, dizendo que estava triste, que estava magoada, ele caiu no sono. Um sono sem sonhos, apenas uma desligada geral do sistema. Caio dormiu profundamente durante todo o dia e por toda a noite. Acordou de madrugada com muitas dúvidas e ao procurar o celular no carregador, que graças a Deus a mãe havia colocado para carregar, percebeu que havia passado o dia dormindo, quando o celular terminou de iniciar ele viu que havia uma mensagem não lida. Essa mensagem era de Carlos, e Caio não sabia se teria coragem de ler o que o rapaz havia digitado, seu rosto de fúria ainda estava gravado na mente de Caio, mas ao mesmo tempo ele sabia que podia ter sido apenas uma ilusão, já que sua mãe afirmou que ele tinha sido deixado na porta de casa por um motorista do Uber, que o buscou na porta da festa. Fez questão de apagar aquela imagem horrível de Carlos, afinal, seu ídolo não era mal, e ele não queria pensar isso do seu amado, nem que tenha sido uma alucinação. Se preparou para olhar a mensagem deixada por Carlos e ao abrir o celular as palavras – Precisamos conversar! Me ligue assim

que ver essa mensagem. Deixaram Caio totalmente sem reação. Ele lembrou do que havia falado com Julia e do fato de que ela sabia que ele gostava de Carlos. Imediatamente ele discou o número de Carlos e no terceiro toque ele atendeu.

Caio começou – Alô, Carlos, o que é tão importante assim? A voz de Carlos saiu do telefone – Cara, que parada foi aquela que tu fez com a Julia? Ela não quer te ver nem pintado de ouro, me disse umas paradas bizarras de você, que eu não quero acreditar mano. Caio respirou fundo, seu coração pulsando como louco, perguntou – O que exatamente ela disse? Carlos prosseguiu – Ela disse que tu ameaçou ela e que você é afim de mim. Caio deixou o telefone cair e ficou em estado de choque por um minuto, que para ele pareceu uma eternidade. Ao recuperar o telefone ele percebeu pela respiração que Carlos ainda estava na linha. Caio então respondeu – Cara olha só, eu acho que ela confundiu as coisas. Eu disse que você é a pessoa mais legal pra mim, talvez ela tenha entendido isso como “gostar de você”, não sei. Carlos então disse – Mano, esse papo tá muito estranho, mas eu acredito em você, eu e ela terminamos. Muito ciumenta ela. E não sei porque fiquei com vontade de conversar contigo. Confesso que a pala de que tu era afim de mim foi um gatilho, doido né. Mas enfim. Só queria saber se você tinha ameaçado ela mesmo, por que isso seria mega estranho, mas gostei da parte de saber que tenho um admirador. Caio ficou em choque novamente, nem sabia se seria possível isso acontecer com tanta frequência em uma única noite, quem dirá em uma ligação que não completava dez minutos. Ele então falou – Carlos, olha, eu sinto algo por você sim. Não disse antes por que tive medo de você me ignorar, agora que sei que você acha isso bom, e que terminou com a

Julia, não tem porque não dizer. Mais de um minuto de silêncio do outro lado da linha quando Carlos respondeu – Cara, não sei o que dizer, tipo, eu nunca curti homens saca. Mas valeu ai por gostar de mim e tal. Só vou deixar uma parada clara, nunca vai rolar tá. Eu te admiro como um amigo e quero continuar sendo isso, se você não se importar é claro. O mundo de Caio desabou definitivamente, Carlos afirmou que nunca iria rolar, e o pior de tudo, ele confessou o que sentia. Achou que seria mais difícil, mas no fim a parte difícil vinha agora. Lidar com a rejeição da pessoa que amava. Caio percebendo que Carlos ainda estava ao telefone disse – Bem, é claro que você pode ser meu amigo, só que não vou esconder mais que te amo e que quero você. Carlos riu ao telefone e disse – Tudo bem, pode me querer o quanto quiser, só não faltar com o respeito que tá massa. E novamente, você nunca vai me ter, beleza garotão? Um beijo pra você, preciso dormir, bons sonhos, que eles sejam comigo ein. Carlos ao fim da ligação gargalhava muito. Caio não entendeu se ele estava brincando com os sentimentos do garoto ou se falava sério. O que ele sabia era que havia se declarado e que a resposta tinha sido negativa. Ao mesmo tempo que seu amado pediu para que ele sonhasse com ele. Isso Caio podia fazer, ah como podia.

Caio sonhou com Carlos durante toda a noite, no início um sonho agradável, onde seu amado aceitava sua declaração, eles se beijavam, Carlos ia avançando para a segunda base, despindo Caio como um profissional. Caio ainda meio nervoso, foi deixando a coisa rolar, afinal, ele esperava por isso a muito tempo. Carlos percebeu o nervosismo de seu parceiro e delicadamente foi conduzindo a relação. Ele era bom nisso, pensou Caio. Carlos foi deslizando a mão por todo o corpo de Caio. O nervosismo desapareceu, abrindo espaço para a mais pura

paixão. O gozo não demorou a vir e quando os dois estavam no ápice do prazer o sonho se transformou em algo que Caio não soube descrever. Ao seu lado na cama estava Julia, despida, Carlos por cima dela. Quando Caio tentou se aproximar, Julia começou a rir e Carlos o expulsou do quarto com aquele olhar que Caio havia presenciado no fim da festa, em sua inconsciência de bêbado, esse olhar sério e maligno o perseguiu durante toda a noite. Nos momentos de folga, ele via Julia deitada, imóvel, toda ensanguentada. Ao olhar para suas mãos, Caio via uma faca suja de sangue, provavelmente a arma que tirou a vida da garota. Ao correr e procurar um espelho, Caio viu que estava coberto de sangue, ele havia realizado seus pensamentos mais sórdidos, havia tirado a vida da moça. O desespero veio e com ele a aflição, o que fazer com o corpo? Onde desovar? Decidiu então colocar na universidade. Pegou escondido o carro do pai e levou o corpo até o campo onde os outros dois foram depositados. Caio sentiu um frio correr sua espinha ao lembrar que os lenções de seu quarto estavam cobertos de sangue. Quando foi depositar o corpo da garota no local pensado, ele encontrou Carlos a sua espera. Um sorriso largo no rosto revelava a felicidade no rapaz ao ver que aquele que o amava se livrou do empecilho que os separava. Caio então correu para os braços de seu amado. E quando seus lábios iriam se encontrar um som de batida o surpreendeu e ele acordou. Ficou aliviado ao perceber que tudo tinha sido um sonho e que não havia cometido crime algum. Na porta seu pai o chamava para o café, já que o bico de segurança que seu pai arranhou durou pouco tempo a função de preparar o café ficou para ele executar, a mãe de Caio disse que é para ele não se sentir um inútil, já que no serviço doméstico ele se recusa a ajudar, diz que é coisa de mulher limpar a

casa, enquanto o homem cuida do pesado. O problema é que o "pesado" que ele se referia não acontecia a quase um mês.

Caio se levantou, e ao caminho da cozinha ouviu na tv a repórter do jornal local falando – Mais um corpo foi encontrado na universidade, neste que pode ser o maior caso de assassinato em série desde as seis mulheres a dois anos atrás. O corpo apresenta as mesmas características das últimas vítimas, a falta de um dente e as marcas por todo o corpo. O nome da vítima ainda não foi divulgado pela polícia, porém a investigação segue firme para encontrar um suspeito. Para todos os alunos e professores da instituição fica um alerta. Quando houver mais informações nós voltamos ao vivo, é com vocês ai do estúdio. O coração de Caio quase parou, ele correu para a tv e o alívio veio ao perceber que a vítima era um rapaz e não Julia como ele havia sonhado. Seu estômago revirou e se ele tivesse comido algo certamente teria colocado para fora naquele exato instante. Ele só voltou a si com o chamado do pai. Caio olhou ainda aturdido e caminhou para a cozinha, seu pai ao perceber o estado do filho perguntou – Que foi moleque? Você conhecia o coitado? Caio fez que não com a cabeça, então seu pai continuou – Você tem que ficar atento ein, essa sua escola está ficando muito perigosa, se continuar assim você não vai voltar pra lá não. Caio imediatamente rebateu o pai dizendo – Eu vou sim, não vou parar de estudar por causa de um maluco. O verdadeiro motivo para não deixar de estudar na universidade era outro e ele sabia muito bem disso. O pai ficou sem reação, afinal, o filho nunca havia respondido com tanta garra assim. Fez como se nada tivesse acontecido, abriu o jornal na sessão de classificados e começou a circular possíveis locais para trabalho. Caio

tomou seu café sentado à mesa, ainda incrédulo de que outra vítima tenha aparecido, nem nas férias os estudantes estavam livres do ataque, no fundo Caio sabia que sua falta de crença na situação vinha do sonho que teve, essa sem dúvida foi a maior coincidência que já aconteceu com ele, ao mesmo tempo que o desejo de se livrar da moça não se apagou por completo, e essa seria a oportunidade perfeita.

Caio ajudou o pai a enviar os currículos para os lugares marcados no jornal, ajudou a mãe a varrer e limpar a casa e depois foi para o quarto. Quando sentou ao computador, percebeu que já passava das seis da tarde, olhou no whatsapp e nenhuma mensagem de Carlos o aguardava, mas uma nova foto de perfil sim. Nessa foto Carlos estava sem camisa, apenas de sunga, provavelmente foi um dia na praia. Caio salvou imediatamente, e as imagens do seu sonho vieram a tona, toda a paixão que Carlos demonstrou naquele doce momento, lembrar do sonho o deixou animado e contente. Não resistiu a tentação e teve que se masturbar, foi o auto prazer mais intenso que Caio já experimentou, claro ele já havia se masturbado antes, para vídeo de mulheres se masturbando e fotos de mulheres nuas, mas nunca havia se masturbado pensando em alguém próximo, alguém desejado. Esse êxtase foi perfeito, e quando Caio estava chegando ao clímax seu pai entra porta adentro do quarto e presenciou toda a cena. Seria algo apenas embaraçoso se não fosse a foto de um rapaz apenas de sunga que estava na tela do computador do filho. Seu pai ficou possesso, Caio nunca havia visto o pai com um olhar tão nervoso. Ambos ficaram em silêncio por um bom tempo, sem dizer nada. Caio apenas conseguia sentir o ódio que emanava do pai, ele tinha medo que eles descobrissem sobre Carlos, e esse medo se comprovou real. Seu pai

caminhou em sua direção, sem dizer uma única palavra. Caio não sabia o que esperar, afinal, ele nunca havia visto o pai assim. Nem nos piores momentos de embriaguez esse ódio havia sido emanado pelo pai. Quando ele estava bem próximo, Caio tentou começar a argumentar, mas antes que qualquer palavra pudesse ser dita a mão do pai o acertou em cheio no rosto. Não um tapa, mas sim um soco. Caio cambaleou para o chão, meio tonto, meio desorientado, sentiu-se novamente embriagado. O pai continuou a avançar e acertou outro soco no rapaz, que teve tempo apenas para levantar o braço e evitar ser atingido novamente no rosto. O pai desferiu uma sequência de socos e chutes no filho caído. Ao ver que o pai não iria parar, a única reação de Caio foi gritar a mãe, ele gritou a todos os pulmões por sua mãe, que veio correndo do quintal. E ao ver a cena, ela começou a chorar, a única reação dela foi chorar. Não sabia como impedir o que acontecia. Ela tomou forças e implorou ao pai que parasse de atacar o filho. O pai num acesso de raiva e ódio começou a chorar e disse – Maria, nosso filho é viado. Ele podia ser tudo, menos viado. Eu peguei ele batendo punheta pra foto de um rapaz. Olha ai no computador dele, deve ter mais coisa de viado. Esse desgraçado. A mãe ainda incrédula e sem muita reação implorou para que ele parasse de agredir o filho dizendo – Meu bem, não bate no menino, coitado dele. Ele não é isso não, vai me filho, conta pro seu pai que você não é isso, por favor. Caio tentou balbuciar as palavras, o gosto de sangue cobria toda sua boca. E no momento que começou a falar um novo chute o acertou. A mãe ao perceber que a violência não pararia, tentou intervir fisicamente. Pulou nas costas do marido o puxando para longe do filho. Ele no mesmo instante virou a mão e acertou o rosto da esposa. Ela caiu ao chão e ainda em fúria o

pai começou a gritar – ISSO É CULPA SUA, SUA VAGABUNDA. VOCÊ SEMPRE PASSOU A MÃO NESSE MERDINHA. SE ELE NÃO PODE APANHAR, VOCÊ VAI APANHAR NO LUGAR DELE.

Caio lutou para ficar de pé, se dirigiu ao pai e implorou para que ele parasse de agredir a mãe dizendo – Para pai, por favor, eu faço qualquer coisa pra você deixar a mãe em paz. Eu saio de casa e você nunca mais vai ter que olhar para minha cara, mas não bate nela. Eu imploro. O pai respirou fundo, olhou para o filho, neste momento uma chama de compaixão surgiu no rosto do pai, ele levantou a esposa, a abraçou e começou a chorar, virou para o filho e disse – Você morreu pra mim, eu vou ligar para o seu tio, você vai morar com ele no interior. Você não passa mais uma semana nessa casa. A mãe implorando para o marido não fazer isso. Ele saiu sem olhar para trás, pegou o telefone da sala e começou a discar o número. Sua mãe chorava no chão do quarto e começou a dizer ao filho – Meu filho, perdoa seu pai, ele tá nervoso é só isso. Eu vou conversar com ele. Você não vai ter que sair daqui não meu amor. Eu juro pra você. Perdoa o seu pai. As lágrimas explodiram no rosto dos dois. O pai de Caio não conseguiu terminar a ligação, uma gota de remorso e tristeza atingiu seu coração e ele começou a praguejar por toda a casa a infelicidade que ele estava vivendo. Caio e sua mãe permaneceram abraçados por horas no chão. O pai pegou as coisas e saiu, certamente iria para o bar mais próxima buscar algum consolo, neste caso o consolo da bebida. A mãe de Caio se levantou assim que o marido saiu, buscou um kit médico no armário do banheiro e começou a cuidar do filho. Ela o acompanhou até o banheiro, lhe deu banho, limpou as feridas que os socos e pontapés do pai haviam causado. Depois de ter dado banho no filho, ela arrumou

uma pequena mala, com peças de roupa para os dois, fez uma rápida ligação, abriu uma gaveta em seu quarto e apanhou um pouco de dinheiro que havia guardado. Disse ao filho que pegasse o que ele considerava importante e assim Caio fez. E em menos de duas horas eles estavam dentro de um táxi indo para longe daquela casa.

Caio sabia que a decisão de sua mãe era por causa dele. Sabia que se o pai chegasse bêbado em casa e encontrasse o filho viado ele certamente o espancaria e na pior das hipóteses o mataria de tanto bater. Caio desacordou diversas vezes durante o percurso e quando despertou com o sacudir da mãe eles estavam na casa de sua tia, a irmã mais próxima de sua mãe. Ele olhou agradecido para sua mãe, foi um olhar longo e silencioso, um olhar de alívio e apoio, os dois precisavam dessa fuga. Ao entrar e ser levado ao quarto que sua tia havia preparado para os dois, Caio pode ouvir sua mãe aos prantos contando a irmã todo o ocorrido e suplicando amparo. Nesse momento Caio percebeu que o pior ainda estava por vir. Seu pai não era uma pessoa ruim, ele nunca havia agredido sua mãe como hoje. Muito menos a ele, mas o olhar de ódio do pai ficou marcado em sua memória, assim como o olhar de Carlos no que ele acreditava ser uma ilusão do álcool. Esse olhar dava a Caio a certeza de que o pai não descansará até ter sua mulher de volta em casa ou até morrer de tanto beber. Uma tristeza inconsolável percorreu seu coração. Ele percebeu o que havia feito a sua família, o que seu amor impossível causa de sofrimento a sua mãe e ao seu pai. Se sentiu culpado ao imaginar que o pai poderia beber até morrer. Nunca havia sentido uma tristeza como essa em toda sua vida. No ápice do desespero e da angústia ele procurou a única pessoa que poderia lhe dar conforto. Ligou para seu

amado. O telefone tocou, tocou, tocou e ao quarto toque a voz que embriagou o coração de Caio surgiu dizendo – Opa Caio, o que você manda? Caio começou a chorar, não conseguia dizer nada. As lágrimas não paravam de vir, e Carlos do outro lado da linha confuso começou a perguntar – O que aconteceu cara? Tá tudo bem contigo? Fala mano? To ficando preocupado aqui. Caio chorou por mais alguns minutos, minutos esses que foram de silêncio pela parte de Carlos. Caio respirou fundo e disse – Meu pai descobriu o que eu sinto por você. Um silêncio ainda maior do outro lado da linha até que Carlos disse – Você está bem? Caio respondeu – Meu pai me espancou, espancou minha mãe e nós estamos escondidos na casa da minha tia até ele se acalmar. Carlos respirou fundo e disse – Cara, isso é pesado pacas. Mas aí, eu não posso fazer nada por você infelizmente. Eu voltei com a Julia. Caio voltou a chorar, ele percebeu da pior forma que, tudo que passou, tudo que sofreu, o ruir de sua família foi em vão, já que Carlos já estava no meio das pernas daquela garota. Ele respirou fundo, segurou o choro e disse – Você é um babaca, mesmo depois de eu dizer que te amo. Mesmo depois do meu pai ter me espancado, você volta pra essa vagabunda escrota? Cara, sério, qual o seu problema? Porque deu abertura pra eu me declarar pra você? Carlos se mostrou impaciente ao telefone e disse – Presta atenção você, eu nunca te prometi nada. Te dei abertura porque eu sabia que tu era afim de mim. Foi divertido incentivar esse seu gostar de mim. Mas eu sempre deixei claro que nunca iria rolar nada. Você que confundiu as coisas. É uma merda isso que teu pai fez contigo, agora não vem me culpar não. Caio num acesso de fúria disse gritando – CARA, VOCÊ REALMENTE BRINCOU COMIGO? TIPO, EU TE CURTO MUITO E É ASSIM QUE VOCÊ ME

RETRIBUI? EU NÃO CONSIGO PARAR DE PENSAR EM VOCÊ. EU NÃO CONSIGO MAIS VIVER SEM VOCÊ. Carlos respirou profundamente e respondeu – Cara, se você não pode viver sem mim paciência. Eu nunca vou ser seu, me desculpe. Ou você aprende a viver com essa ideia ou. Um silêncio percorreu a ligação então Caio respondeu – Você tem razão, eu não posso viver sem você, e você não vai ser meu, então eu tenho que tomar uma decisão quanto a isso. Neste momento a cabeça de Caio só conseguia visualizar Carlos morto, ele entendeu que, se ele não poderia ser dele, não seria de mais ninguém. Já tinha até mesmo o álibi, os corpos na universidade seriam o caminho. Carlos ainda ao telefone respondeu – Cara, isso foi uma ameaça? Olha eu acho que você tá muito nervoso, que tal vir aqui em casa? Podemos conversar de boa. Eu ainda sou teu amigo. Só não quero nada contigo. E não consigo ficar sabendo que tu tá bolado comigo. Caio estava decidido a tirar a vida de Carlos, acabar de vez com esse sofrimento e pelos deuses do destino a oportunidade surgiu. Caio sabia que Carlos morava sozinho, não teria ninguém na casa dele. Ele poderia pegar o carro do próprio Carlos para desovar o corpo. Voltou a atenção ao telefone e respondeu – Pode ser hoje? Estou muito mal. Preciso de um amigo, ou melhor, preciso de você. Silêncio do outro lado, então Carlos respondeu – Hoje é perfeito, Julia só vem aqui pra casa no fim de semana, você pode até dormir aqui se quiser. Caio então disse – Me passa o endereço que a noite eu chego aí, provavelmente eu vou chegar tarde, já que tenho que sair escondido. Minha mãe não pode saber que sai e pode deixar que não vou dormir ai com você não. A não ser que você queira muito. Carlos deu uma risada e passou o

endereço para Caio, antes de desligar Carlos disse – Eu te espero amigo, quero muito você aqui comigo.

As horas não passavam, Caio não aguentava mais de ansiedade, todos seus pensamentos se intensificaram, ele sabia que mataria Carlos, talvez assim sua obsessão acabaria e ele poderia se interessar por alguma garota. Sua mente perturbada em momento algum pensou que Carlos poderia dar uma chance ao sentimento dele e que eles podiam apenas ser felizes juntos. Caio sentia necessidade de matar Carlos. Toda vez que mexia os braços ou as pernas essa vontade aumentava, os hematomas ainda frescos de onde seu pai havia lhe batido reforçam esse sentimento. Ele não se preocupou com a ligação, certamente ele sumiria com o telefone do rapaz, para não ter pistas. Caio passou as horas pensando em todos os detalhes, em todas as hipóteses de chegarem até ele. E Cada vez que pensava, se tornava mais improvável, ele tinha álibi para todos os outros crimes, não teria como ele ser acusado de ser o serial killer da universidade. Nenhuma das outras mortes teriam como chegar a ele. Ele estava tranquilo e sossegado, percebeu que desde o início a obsessão por Carlos chegaria a esse ponto, afinal, porque ele ficaria com ele? Isso era impossível e agora Caio tinha a certeza, sabia que Carlos teria que pagar com a vida, por todo o sofrimento que causou a sua família, aos seus sentimentos e principalmente aos outros pensamentos que teve, tirar a vida da pobre garota? Caio percebia agora o erro, ela era só uma vítima, não tinha nada a ver com a história. A verdade é que ele nasceu para amar Carlos, e Carlos nasceu para perecer em suas mãos, já que não pode amar a ele do mesmo jeito.

O relógio já apontava mais de meia noite, sua mãe não acordaria tão cedo, a tia havia dado calmantes pesados para que ela pudesse descansar. Sabia que a tia tinha um sono pesado, as festas de natal ajudaram a ter essa certeza. Ele então se levantou, passou na cozinha e apanhou a maior faca que encontrou, saiu na rua, andou até a segunda esquina da casa da tia, não queria correr o risco que um dos vizinhos o visse fora de casa esperando um Uber tão tarde da noite. Chamou o carro, e ao marcar o endereço de entrega fez questão de colocar três ruas antes, afinal, ele mataria o rapaz da casa que iria descer, o motorista do Uber poderia ao ver o noticiário denunciar a atitude suspeita do rapaz. Caio realmente planejou bem esse assassinato. Ele ao se aproximar, decidiu ligar para Carlos, acordar sua vítima, o deixar a espera, não queria matar Carlos de modo covarde, no fundo Caio ainda esperava que Carlos o chamasse para ficar, dormir juntos e consumir todo esse amor. Carlos atendeu o telefone com uma voz muito disposta, Caio percebeu que ele também ficou na espera o dia todo pela chegada do amigo. Carlos então falou – Achei que não viria mais. Já estava desistindo de esperar. Caio deu um pequeno sorriso e disse – Eu já estou chegando a sua porta. Carlos disse – O portão está aberto, é só girar o trinco, e a porta também está aberta, não precisa bater, eu realmente fiquei esperando você chegar. Eu QUERIA que você chegasse. Todo o corpo de Caio tremeu com essas últimas palavras, ele então acelerou o passo, girou o trinco do portão, se dirigiu a porta, por um segundo pensou em deixar a faca do lado de fora, mas sua decisão foi maior, ele iria até o fim. Mesmo que tivesse que esperar consumir o amor dos dois para então tirar a vida do rapaz. Caio seguiu lentamente até a porta, colocou a mão na maçaneta, um

último lampejo de desistência passou por sua mente, ele respirou fundo, e decidido abriu a porta. Ao colocar os pés dentro da casa Caio sentiu uma dor de cabeça muito forte, teve tempo de olhar para o lado, na direção de onde se originava a dor. Caio pode ver Carlos com uma marreta na mão, sangue pingava da marreta. Sua vista começou a ficar turva, numa mistura de embaçado com o vermelho do sangue que descia de sua cabeça. Caio sentiu seu corpo ser arrastado, nos poucos momentos de nitidez que conseguiu ter, ele viu as fotos das vítimas encontradas na universidade, um pote com os dentes arrancados, ele sentiu seu corpo ser arremessado contra o chão. Teve forças para se virar e olhar uma última vez para aquele rosto que tanto amou. Sua última visão foi o sorriso de seu amado, o cara mais popular, seu herói.

Professora

- Ela é tão inteligente... Nunca havia reparado nisso. Esse pensamento foi cortado quando Clara cutucou seu ombro.

- Nossa amiga, você está aqui na sala mesmo? Estou te chamando a um século e você não responde. Disse Clara enquanto Talita se desprendia de seu devaneio momentâneo.

Talita então olhando para a amiga ainda meio avulsa diz – Não é isso não, é que eu só parei para pensar agora de como a Lygia é inteligente. Nós já tivemos aula com ela antes, mas nesse semestre eu realmente percebi isso. E isso é meio que fascinante. Clara segura o riso, percebendo que sua amiga estava falando sério e diz – Talinex você realmente não está bem hoje! Você está encantada na Lygia, sério, na Lygia? Para pra pensar gata, você sabe que ela só fala abobrinha. Nesse momento mesmo, que viagem é essa de Gilberto Gil e o copo americano?

Talita então percebeu o quão estranho e repentino foi essa admiração, não que em algum momento tenha tido problemas com a professora em questão, só que nunca havia dado atenção para tudo que ela falava em sala, afinal, Lygia não era conhecida por ser a professora mais lógica do curso, pelo contrário, nos corredores tanto alunos quanto professores se questionam sobre a aptidão dela para continuar a lecionar suas aulas.

Esse pensamento gerou um incômodo em Talita, ela se levantou, pegou suas coisas e se dirigiu a porta da sala. Lygia enquanto divagava sobre as mil e uma utilidades do copo americano direcionou o olhar para Talita já a porta, com um sorriso maroto nos lábios disse – Bom fim de

semana Talita, ou devo te chamar de Talinex? É esse seu apelido não é mesmo?

Nesse momento Talita achou que seu coração ia parar, nunca havia sentido isso, muito menos tendo parado para refletir sobre o porquê deste apelido que ela carregava desde o ensino fundamental. Com um sorriso sem graça, de aluno que vai embora mais cedo da aula sem uma boa justificativa, Talita avançou porta afora. E ao bater à porta atrás de si, deixando a sala e todo aquele ambiente pesado para trás, lembrou da primeira vez que alguém a chamou por este apelido.

Foi no período da sexta série do ensino fundamental, o desenho favorito da maioria das crianças se chamava “As aventuras de Talinex no país dos monstros”. Talita não gostava do desenho, e sempre ficava de fora das conversas calorosas que as crianças desenvolviam sobre os acontecimentos do episódio da noite anterior. Carlos, um garoto que tinha uma queda por Talita sabia do desinteresse dela pelo desenho, e em um momento de desilusão amorosa, Talita não conseguia lembrar o que tinha feito para tal paixão ter sido rompida, Carlos começou a chamá-la de Talinex. No início isso a incomodou, ela não conseguiu lembrar o motivo, mas sentiu no frio da espinha que aquele apelido lhe causava incômodo. E como tudo que incomoda vira motivo para as pessoas replicarem, logo esse apelido virou febre, era tão comum que até os professores passaram a conhecer Talita por seu apelido. Desde então esse apelido a persegue, porém a sensação de incômodo, o antigo frio na espinha ao ouvir ele sendo pronunciado nunca havia voltado.

Talita sentiu vontade de chorar, não conseguia entender o porquê, só sentia uma vontade incontrolável e tinha certeza que se falasse qualquer coisa, não iria conseguir conter as lágrimas. Essa sensação fez com que ela abaixasse a cabeça e fosse em direção ao ponto de ônibus, indo para o conforto de sua casa, onde nenhum pensamento do passado ou do presente pudesse alcançá-la para lhe trazer algum mal.

A noite de Talita foi perturbadora, durante vários momentos de insônia e diversos pesadelos meio acordados, meio dormindo, ela percebeu que não conseguiria dormir. Ficou se sentindo péssima por isso, afinal, o próximo dia seria muito importante, ela teria uma entrevista em uma grande agência de publicidade.

Talita começou a refletir o quão árduo foi o processo até chegar naquela entrevista final, as diversas provas e testes que a agência solicitou, as dinâmicas de grupo e entrevista com psicólogos. Tudo isso podia ser perdido por uma única noite de sono mal dormida.

Ao refletir sobre todo esse trajeto, seus pesadelos foram tomando forma, ela já conseguia lembrar perfeitamente do que sonhava e como esse sonho continuava mesmo que desperta.

Em um primeiro momento Talita via o entrevistador com um questionário padrão de perguntas, coisas como, quais as experiências anteriores, quais os softwares ela dominava, etc. Até começar a fazer perguntas desconexas, e por fim, o entrevistador se tornava um rosto familiar, Talita teve que voltar a esse sonho diversas vezes nas acordadas e dormidas que teve para identificar o rosto. Era Lygia, que agora estava próxima dela. Talita podia sentir sua respiração pulsando em seu rosto, o hálito de café e cigarro presente durante as aulas parecia agora insuportável, quase asfixiante. Talita tentava se afastar, mas a cada vez que jogava o corpo para trás, Lygia se aproximava. Parecia que ela

estava pronta para dizer algo, mas todas as vezes que ela começava a falar, Talita despertava com um solavanco da cama.

Essa perturbação fez com que desistisse de dormir, sabia que era inútil, mas no fundo, bem dentro de si, ela sabia que não queria voltar a dormir, pois não queria saber o que Lygia tentava lhe dizer.

3

A entrevista correu bem, para surpresa de Talita seu cansaço da noite mal dormida desapareceu quando ela foi chamada para sala de entrevistas. Começou a pensar que talvez ter visto a Lygia em seu sonho tenha sido um bom presságio, afinal, ela saiu da sala de entrevistas tendo certeza que a vaga era dela.

Saindo da agência ela se dirigiu para o ponto de ônibus, teria que se apressar pra universidade, não podia perder essa aula, mesmo que dormisse durante toda ela, Talita sabia que já havia estourado seu limite de faltas, e mais uma levaria a reprovação. Estranhamente Talita se sentia feliz e aliviada em estar indo para a universidade, era um sentimento estranho, como se do nada aquele lugar era o mais importante de todos para ela, e entrar lá traria toda a felicidade do mundo.

Chegando no prédio onde sua aula acontecia, Talita encontrou Clara junto com outros colegas de sala. Clara olhou para Talita com um olhar triste esperando conforto. Talita, que havia acabado de chegar e ainda se encontrava eufórica pela entrevista bem sucedida, não conseguiu compreender o motivo de tamanho desalento no rosto de sua amiga.

Com um sorriso no rosto Talita perguntou – Que isso amiga? Até parece que alguém morreu. Clara ao ouvir essas palavras começou a chorar. Talita sem entender nada, abraçou a amiga, tentando gerar algum conforto, que antes não era capaz de proporcionar.

Clara se recompôs e começou a falar – Lembra do Carlos? Ao ouvir esse nome o coração de Talita quase parou, e novamente a sensação de mal estar voltou com tudo, como um golpe certo no estômago. Talita tentou se apoiar pois sentia que as próximas palavras a fariam desmaiar. Clara então continuou – Ele foi encontrado morto, hoje de manhã. Não se sabe o motivo de sua morte ainda. Mas a polícia acredita que tenha sido suicídio.

Talita sentiu seu corpo gelar, todo o pensamento que teve sobre o rapaz no dia anterior a atingiu em cheio, e de alguma forma ela se sentiu culpada pelo fim trágico que ele teve. Passado esse choque inicial, estranhamente a imagem que se formou em sua cabeça não foi a de Carlos, e sim de Lygia, que estava com uma aparência diferente, mais iluminada, mais viva.

Talita respirou fundo e abraçando a amiga disse – Clarinha, ah Clarinha, as pessoas partem mesmo, é bem triste, eu sei, afinal ele cresceu com a gente, mas pensa que ele está em um lugar melhor, onde ele não pode mais sofrer. Tendo dito isso, Talita percebeu o quanto era ruim em consolar as pessoas, refletiu um pouco mais e concluiu que ela não esperava ter que consolar ninguém, logo o que disse foi de bom tamanho.

Clara continuou aninhada no abraço da amiga, enquanto Talita voltava a pensar na imagem que sua cabeça formou de Lygia. Não sabia por que, mas isso a assustava, ao mesmo tempo que excitava.

As semanas que se passaram correram normais. Depois do enterro de Carlos, Talita e Clara reencontraram amigos do ensino fundamental, eles conversaram, falaram das expectativas para o futuro e como a vida às vezes é injusta. Pegaram o contato de todos e formaram um grupo no WhatsApp, grupo do qual Talita tinha certeza que nunca comentaria nada, só foi educada com os presentes, afinal era o enterro de um amigo de infância e o sentimento era de tristeza, mesmo que para ela esse sentimento não aconteceu. Sua indiferença com a morte de Carlos a chocou por um momento, depois esse choque foi deixado de lado, afinal, o contato com as pessoas que faziam ela ter lembranças mais fortes do rapaz já não eram tão presentes.

Lygia ficou afastada nas semanas que correram, mandou um e-mail para a turma alegando problemas familiares e passou um trabalho para ser entregue na próxima aula que daria.

Era o dia de entrega do trabalho, Talita se sentiu mal durante toda a manhã, pensou em faltar a aula, mas algo dentro dela ansiava por encontrar Lygia. Não sabia explicar que força movia esse desejo, mas sabia que se não encontrasse a professora, algo nela morreria.

Foi uma das primeiras a entrar na sala, Lygia estava escrevendo no quadro. Talita cumprimentou a professora, e ao não obter nenhuma resposta da mesma, Talita se aproximou e tocou o ombro de Lygia. Neste momento, imagens de Carlos brotaram em sua mente, nas imagens o jovem estava sofrendo, com lágrimas nos olhos, parecia que Talita estava presente no momento de sua morte, e de alguma forma mística, ela era a presença que acompanhava a passagem do jovem para o mundo dos mortos.

Essa visão fez Talita retirar a mão do ombro de sua professora, Lygia então se virou para Talita, sorriso presente no rosto, e disse – Parabéns pela entrevista, o dono da agência foi um ex-aluno meu. Dei ótimas recomendações suas. Espero que você faça valer essas recomendações ein. Talita ficou surpresa e assustada ao saber que Lygia tinha conhecimento de sua entrevista, afinal, ela não havia dito a ninguém sobre esse processo seletivo, ela lembrou que comentou vagamente com Clara, mas não deu detalhes. Seu sonho assustador

voltou a sua mente, e novamente quando Lygia iria dizer as palavras, ele se dissipou.

Talita ficou parada por um tempo em frente a professora, sem conseguir se mexer, ela sentia que não tinha controle sobre seu corpo, muito menos sobre as ações que sentia estar prestes a tomar.

Ela respirou fundo, abraçou a professora.

No momento que os corpos se tocaram, Talita sentiu uma felicidade que nada seria possível descrever, foi seu nirvana pessoal. Uma realização.

Logo em seguida, como o efeito de uma droga extremamente viciante, todo esse sentimento foi preenchido por medo, aflição e necessidade.

Lygia sentindo o calor do abraço disse – Não se preocupe minha criança, tudo vai ficar bem. É só me dizer o que te incomoda no fundo do seu coração, que esse incômodo vai desaparecer. Talita percebeu que estava prestes a abrir os lábios, porém, um temor muito forte a impediu. Esse mesmo temor deu forças para ela se libertar do abraço e procurar um lugar para sentar, um lugar que ficasse o mais afastado possível dessa energia que a atraía para os braços de sua professora, braços esses que representavam ternura, mas no fundo Talita sentia que eles representavam a morte.

Talita faltou as próximas aulas de Lygia, ela sentia que algo de terrível aconteceria se estivesse presente em alguma das aulas. Ela associava esse pensamento a estranha morte de Carlos. Talita nunca havia pensado no rapaz, apenas no momento em que Lygia perguntou o motivo de seu apelido que ela lembrou, e ter tido essa recordação dele como alguém que fez algo que a chateou pode ter custado a vida do rapaz, pelo menos era como ela se sentia.

Tinha medo de lembrar de qualquer coisa que algum dos colegas de sala haviam feito de mal para ela, ter deixado de entregar um trabalho, demorar a responder alguma pergunta importante para o desenvolvimento de alguma atividade, ter cobrado dinheiro para emprestar algum material de aula. Todos esses pensamentos pareciam infundados, mas ao mesmo tempo causava arrepio em sua espinha, e de um modo muito perverso, davam uma sensação de poder, uma sensação de justiça velada que preencheria toda a maldade que habitava em seu coração.

Movida pelo sentimento de perversão ela decidiu estar presente na próxima aula, decidiu por fim escolher alguém que tenha lhe causado algum transtorno para testar sua teoria absurda. Teoria essa que, de alguma forma, Lygia poderia ler sua mente e causar sofrimento e morte a pessoa que ela desejasse, não conseguia imaginar o porquê dessa

ligação especial com ela, mas desejou do fundo do coração que nesse momento essa ligação mística existisse.

Seu alvo era Thiago, o rapaz mais certinho da sala, amigo de todos os professores, o que para alguns alunos da turma era visto como puxa-saco mesmo. Um rapaz dedicado e comprometido, que por ter necessidade de ser sempre o melhor da turma, prejudicava alguns colegas de propósito. E com Talita não foi diferente. Ela se lembrava perfeitamente do dia em que ele lhe vendeu um rolo de fita crepe, alegando que se ela precisasse do material que trouxesse de casa, como ela não havia levado, ele cobrou cinco reais para ela ter o direito de usar o rolo. Era um caso de reprovação se o trabalho não fosse colado no mural de exposição, deixando Talita sem escolha a não ser pagar o preço cobrado. Em sua mente, ela estaria cobrando sua vingança.

O sentimento de vingança lhe fazia mal, causava insônia, pesadelos, entre outros desconfortos. Mas ela estava disposta a colocar sua teoria em prática, e se alguém tivesse que morrer, que fosse Thiago.

A aula começou, durante as quatro horas que se seguiram, seu pensamento era de como Thiago havia lhe causado desconforto e de certo modo um sofrimento. Foi interrompida alguns momentos por Clara que chamava sua atenção para mostrar alguma coisa no Instagram, ou como ela mesmo dizia, acalantar o tédio da aula da Lygia.

No fim da aula, Lygia olhou para Talita e disse - um rolo de fita custar cinco reais é muito caro né? Essa pergunta fez o coração de Talita parar, e uma vontade de voltar atrás e desfazer os pensamentos de energias negativas enviadas ao pobre rapaz vieram à tona. Talita sentiu

o gosto ácido e amargo da bÍlis preencher sua boca, olhando para Lygia, viu aquele sorriso alegre, o sorriso que no coração de Talita ficou associado ao sorriso da morte.

Naquela mesma noite Talita sonhou com Thiago. Em seu sonho o rapaz não conseguia respirar, ela conseguiu ver nos olhos dele, a dor da falta de ar. Acordou assustada e puxando o máximo de ar que podia. Respirar naquele momento era como a maior dádiva que a humanidade possuía, era como o melhor presente dos deuses ter o direito a encher os pulmões de oxigênio. Mais uma noite que ela não pregaria os olhos, e no fundo sabia que no outro dia estaria sentindo uma felicidade extrema, bombardeada com a notícia do falecimento de seu colega de classe.

Thiago foi encontrado morto, afogado na piscina onde praticou natação a vida inteira. Nenhum médico ou legista conseguiu explicar a causa da morte. Alegaram que o rapaz sofreu um ataque cardíaco enquanto nadava e se afogou. Talita lembrou da sensação de falta de ar que havia sentido, de alguma forma, ela compartilhava do sofrimento que suas vítimas sentiam.

Lygia novamente se afastou, e nas noites seguintes a morte de Thiago, Talita sonhava com Lygia, com aquele mesmo brilho, aquela mesma aparência de vida. A aparência de um arauto da morte.

O prazer em eliminar os inimigos, pelo mínimo motivo que fosse, fez com que Talita passasse por diversos sofrimentos, compartilhando da dor de suas vítimas.

O calor do fogo em uma noite, dor abdominal em outra, o calor de um tiro, a falência múltipla de órgãos.

Diversos eram os sentimentos, e diversas eram as vítimas. Lygia aparecia cada vez menos na universidade, Talita na sede de trazer justiça para seu mundo, pediu o endereço de sua professora. Lygia sorrindo lhe passou.

As visitas começaram espaçadas, coisa de uma por semana, e quando Talita percebeu, elas eram diárias

As duas não conversavam, Talita concentrava suas emoções na pessoa que desejava a morte, e Lygia questionava no fim se o que a pessoa havia causado de mal a Talita valia a pena.

Em todas as noites de assassinato, nessa relação macabra, Talita sonhava com Lygia, e quando ela estava prestes a dizer as palavras que estavam prometidas desde o primeiro sonho, ela despertava em um sobressalto de horror e medo.

Em sua última visita, Talita percebeu que não sentia mais vontade de levar a morte aqueles que de alguma forma a feriram, ela sentia desejo por matar, desejo por tirar a vida de qualquer pessoa que sua mente perversa desejasse. Esse pensamento a deixou horrorizada, e em um momento de consciência, seu coração pesou. Lágrimas brotaram de seus olhos, Lygia sentada na cadeira ao lado, olhava pensativa com seu sorriso de morte no rosto. Ela então pousou a mão sobre os ombros de Talita e na voz mais suave possível disse – Não pode voltar atrás criança, o que está feito, está feito. Você me deu forças, nunca em toda minha existência achei alguém com a alma tão sedenta para me unir. Talita segurou os soluços provocados pelo choro, olhou para os olhos de sua antiga professora, e o que viu não era humano, muito menos diabólico como a igreja dizia que seria. O que ela enxergou foi um olhar que representava o vazio. Não havia vida ali, não havia nenhuma emoção. Apenas o vazio.

Seu desespero aumentou, seu coração doía de uma forma inexplicável, ele queimava, como se estivesse sendo corroído por dentro, neste momento ela sabia que seu destino havia chegado ao fim. Não conseguia mexer seu corpo. Não conseguia desviar os olhos daquilo

que antes era uma professora dócil e amável com todos. Que a alguns meses atrás representava justiça. Agora só representava a morte, Talita sabia, a morte era dela. Teve forças para pedir uma última coisa, respirando fundo, Talita disse – Antes por favor, me diga o que você tentou me dizer em todos os sonhos!

Uma gargalhada fria encheu sala, Lygia lentamente aproximou o rosto de Talita, o hálito que antes era de café e cigarros se transformou em algo pútrido, se tornou no cheiro da morte. A voz que antes era dócil e amável saiu como o som mais angustiante para Talita, o som de todo o sofrimento que causou. Com o sorriso estampado no rosto, Lygia disse – Todo o sofrimento deles agora é seu. Esse é meu presente para sua eternidade.

Talita sentiu um alívio momentâneo, lembrou da sensação que o abraço da professora havia lhe causado. Essa sensação durou pouco, o que restou foi o sofrimento, apenas o sofrimento. Enquanto sua casca vazia jazia deitada na sala de estar de Lygia, sua alma sofria. Eternamente, ela sofria.

Helena

20 / 10 - Noite

Faz tanto tempo que não escrevo um diário. A última vez foi por recomendação da minha terapeuta. Ela dizia que colocar as palavras no papel facilitava lidar com os problemas... Nunca achei que funcionou para mim, fazia mais por não querer contradizer-la. Ela era sempre legal comigo, e essa era a minha forma de retribuir.

Agora eu volto a sentar na cadeira, pegar uma caneta e debruçar meus pensamentos neste pedaço de papel velho, inutilizado e sem propósito. Para “colocar as palavras no papel”.

Minha vida tem sido uma bela bosta desde que me lembro. A minha última consulta com a terapeuta legal foi a cinco anos, na época eu tinha vinte anos e tive um pequeno surto, na verdade eu nem sei por que estou escrevendo isso para mim mesmo, deve ser a falta de costume.... Enfim, hoje eu sinto uma certa necessidade de escrever nestas páginas deixadas de lado. Como parte da minha vida medíocre, eu possuo um “trabalho” medíocre, coloco entre aspas porque a monitoria do laboratório de áudio da minha faculdade não era o meu sonho de carreira hoje aos vinte e cinco anos. Eu que já dei aula para um projeto social, rebaixado para um monitor de laboratório, mas enfim, ajuda a pagar minhas contas e subsistir durante os meses (não que eu esteja fazendo tanta questão de continuar existindo atualmente), enfim, nunca acontece nada de interessante nessa monitoria medíocre, de vez em quando algum aluno grava um trabalho interessante, que vale a

pena prestar atenção por mais de cinco minutos, mas normalmente é sempre algo sem criatividade, repetitivo e de péssima qualidade (mesmo eu fazendo a captação do som, não posso fazer milagre no texto que os alunos escrevem para os trabalhos), mas na maior parte dos dias nunca tem algo que me motiva continuar essa jornada de bosta que se chama minha vida. Até hoje pela tarde.

O que eu acreditava ser um dia monótono e sem graça acabou se tornando uma tarde agradável, e tudo graças a presença desta garota. Helena o nome dela. Simplesmente uma das pessoas mais interessantes com quem conversei ao longo dos últimos meses (quem eu quero enganar, ela é a pessoa mais interessante com quem já conversei ao longo dos últimos anos) e o amigo dela Júlio. Os dois são bem legais, mas a Helena, meu amigo, ela conseguiu despertar algo em mim que eu não sentia desde meu último relacionamento.

Conversamos sobre muita coisa, e eu sinto que poderíamos conversar muito mais. Ela consegue falar até melhor do que eu sobre os meus filmes favoritos. Cara, como foi uma surpresa bacana quando a outra bolsista passou meu contato para essa dupla, para que eu pudesse auxiliar no desenvolvimento do trabalho deles (que é um trabalho bem interessante aparentemente), é o mais legal é, provavelmente esse trabalho vai demandar alguns encontros ainda, e assim vou poder conversar mais vezes com essa mina sensacional.

Esse foi o motivo que me fez sentir vontade de escrever nesse diário, Helena, a doce Helena, que veio para abalar as estruturas da minha rotina monótona naquele laboratório terrível.

23 / 10 – Manhã

Hoje é o dia que está agendado o retorno da Helena e do Júlio lá no laboratório. Eu estou até bem arrumado para esse encontro, mas em contra partida, não consegui dormir à noite passada. Acredito que estou com uma cara terrível, e isso pode não ser tão bacana assim.

Será que ela vai estranhar se eu perguntar sobre a vida amorosa dela? Se ela é solteira? Ou se gosta de caras. Meu Deus, é mais uma coisa para pensar agora, e se ela não gostar de homens? Eu vou ficar arrasado, mas pelo lado positivo da coisa, depois desse, só vão acontecer mais dois encontros e o trabalho dos dois acaba. Assim é pouco tempo sofrendo essa desilusão. Enfim, eu espero que não seja uma desilusão.

23 / 10 – Noite

CARA, CARA, CARA. A HELENA É SOLTEIRA!!

Acabei dando sorte do Júlio entrar no assunto sobre relacionamentos enquanto contava sobre seu último parceiro. Mano, que sorte a minha, percebi quando eles chegaram, que jamais teria coragem de perguntar algo do tipo, sério, essa mina mexe com meu discernimento das coisas. Eu fico meio abobado quando ela está perto. Acho que essa é a sensação mais próxima de amor que já senti. Na verdade, nem sei se isso é o que as pessoas chamam de amor, afinal, não consigo entender muito bem esses sentimentos. Para mim todas as pessoas são meio pombo sabe, elas estão aí existindo, mas nada me faz ficar ligado a elas de alguma forma. Claro, tenho amigos, saio de vez em quando, resolvo minhas necessidades carnis com o Tinder (não que me orgulhe disso), mas não tenho necessidade de me apegar a ninguém, sabe? Com a Helena é diferente, sei lá. A presença dela alegra o meu dia, é sério, eu realmente fico mais alegre e eufórico só de saber que estive na mesma sala que ela e que jogamos conversa fora.

Mas a principal vitória do dia e que ela é SOLTEIRA, e cara como isso me faz feliz. Agora é só esperar o próximo encontro no laboratório e quem sabe consigo marcar de sair com ela para um encontro.

Júlio vai ser de grande ajuda. Se eu me aproximar dele, certeza que vou conseguir ter mais chances com ela, e bem, de certo modo ele já gosta de mim.

25 / 10 – Tarde

Hoje Helena volta ao laboratório, na verdade vou me encontrar com eles aqui, daqui a meia hora. Estou sem dormir direito desde o nosso último encontro. Só consigo pensar que ela é solteira e que, pelo que andei pesquisando nas mídias digitais dela, seu último relacionamento acabou faz um tempinho (sim, eu estou seguindo ela nas mídias sociais). Como eu consegui achar as mídias dela? Muito fácil. Para reservar hora no laboratório cada aluno deve deixar o nome e o sobrenome, é uma formalidade que sempre achei idiota. Agora, agradeço por existir, enfim, tendo o nome dela completo foi fácil achar no Instagram e Twitter.

Como disse anteriormente, visitando o perfil dela, consegui descobrir mais coisas sobre esse tal relacionamento. Como por exemplo, que o último relacionamento dela foi com outra mina. Aparentemente essa mina sacaneou bastante com ela. O nome da garota é Amanda Borlot, e pelo que parece, essa menina fica perturbando a Helena ainda. Cara, gente que não entende quando um relacionamento termina são as piores. E essa Amanda já está passando dos limites. Se eu conseguir sair com a Helena, ela não vai mais ficar perturbando a gente assim. NÃO MESMO.

25/10 – Noite

Cara, que dia. Foi simplesmente incrível passar a tarde com Helena, o Júlio estava lá também, mas sendo honesto, nem percebo ele lá. Ainda tento ser simpático, afinal, percebi que sendo amigo dele, consigo ficar muito mais próximo dela.

Hoje descobri que eles fazem muitos projetos juntos (o que me incentiva mais ainda virar “amigo” do Júlio). Me ofereci para ajudar em um dos projetos, e com essa iniciativa, vou conseguir passar cinco dias ao lado da Helena. Finalmente entendi o que as pessoas dizem sobre quem tem iniciativa conquista o mundo. É engraçado pensar nisso, ao longo do curso eu ouvi tantos não em entrevistas de emprego, e na maior parte delas a resposta do contratante era que eu aparentava não levar jeito com as pessoas, ou colocando em termos mais rebuscados, eu apresento pouca aptidão social, o que pode atrapalhar nas relações internas e externas na maior parte dos escritórios e agências que fiz entrevista.

Sendo honesto, isso não é tão mentira assim. Só de pensar em lidar com pessoas todos os dias, e ter que mostrar um sorriso no rosto o tempo todo, me deixa louco. Aqui pelo menos, passo a maior parte do tempo sozinho, e quando tem agendamento, na maior parte do tempo os alunos estão editando os trabalhos, o que me faz descartável, afinal, eles têm as orientações dos professores de como editar e montar o trabalho. Eu só apresento utilidade quando acontece captação de voz,

aí não tem jeito, tenho que ficar atrás da mesa coordenando toda a captação e distribuição do arquivo gerado. É o trabalho mais fácil do mundo e que exige zero de mim, por isso ele é perfeito.

Voltando para o foco desse diário. Helena é extremamente divertida. Hoje realmente prestei atenção nos mínimos detalhes das coisas que ela faz ou produz, e realmente são coisas interessantes. Ela escreve poemas, estuda escritoras femininas e a importância de suas obras para a sociedade (eu realmente acho esse tema bem bacana. Tenho até uma pequena bagagem de escritoras mulheres no meu currículo de livros devorados), e o mais importante, consegui o contato dela. Bem, não foi o contato dela, Júlio me passou o telefone dele, para facilitar na hora de encontrar para o trabalho da próxima semana. Já é um mega começo, na verdade é como se tivesse o contato dela. Só preciso tomar coragem e entrar em contato com ele. Mas o que falar? O que dizer? Eu realmente gostaria de ter um pouco mais de habilidades sociais nesse momento. Seria muito mais fácil para mim agora.....

30/10 – Tarde

Faz meia hora que acabamos a primeira parte do trabalho da Helena e do Júlio. Eu não consegui tomar coragem e mandar mensagens para o Júlio, então acabou que, hoje cedo ele entrou em contato comigo para confirmar a minha presença na gravação.

A respeito da gravação, tudo correu perfeitamente, sem nenhum problema. Júlio errou o texto algumas vezes, tivemos que fazer algumas tomadas até ele acertar o tom. Já Helena, bom, talvez se não tivesse tão encantado por ela, teria colocado alguns defeitos, mas quem quero enganar? ela foi perfeita. O timbre da voz, como ela lia os textos, cara eu realmente tô apaixonado por essa mina. Não consigo encontrar defeitos nela, mesmo tentando muito (é uma forma para diminuir a decepção caso ela não queira nada comigo) não consigo achar nada para pontuar como um defeito.

Bom, conversei bastante com Júlio nos intervalos da gravação. Ele tocou no assunto do último relacionamento da Helena (eu não entendi bem o porquê para ser honesto), disse que ela ficou bem abalada com a relação e que a tal da Amanda ainda fica perturbando ela. Realmente não entendi o motivo da conversa, mas achei bacana, afinal, descobri mais sobre esse relacionamento e como Helena quer seguir em frente (ou seja, é aí que eu posso me encaixar). A última coisa que o Júlio disse foi “Você é um cara legal, continue assim”.

Espero que Júlio fale bem de mim para Helena, afinal, essa “amizade” é para isso. Às vezes é insuportável ficar ouvindo as conversas dele, mas na boa, pela Helena vale a pena, se eles são melhores amigos eu vou ter que conversar muitas vezes com Júlio, então é melhor ter ele como amigo, do que inimigo.

02/11 – Madrugada

Finalmente vou sair com Helena, não é beeeeeem com a Helena, mas ela vai estar lá. Como amanhã (ou no caso hoje mais tarde) vai ser o último dia de trabalho, eles me convidaram para tomar uma cerveja por conta deles, como agradecimento por ter auxiliado na elaboração da atividade deles.

Estou muito eufórico, certeza que não vou conseguir dormir. Minha cabeça não para de pensar nesse encontro, estou mega surtado. Júlio conversou comigo sobre meu possível interesse na Helena, na verdade, ele perguntou se eu achava ela atraente, e que ele, ao longo desses dias, viu que sou um cara legal, e (agora vem a melhor parte) ele disse que Helena comentou que está tendo um interesse pela minha pessoa. Disse que sou muito legal, educado e bonito (discordo bastante dessa, mas ainda bem que ela pensa assim), e que faço o perfil dela.

Quando ele comentou isso, não consegui disfarçar minha empolgação, e ele disse que faria rolar esse momento intimista para que eu e ela conversássemos amanhã. Cara, eu realmente estou empolgado e nem ligo em ser repetitivo aqui no diário, finalmente vou sair com Helena, vou conversar com ela, conhecer ela um pouco melhor. Espero que tudo ocorra bem.

04/11 – Manhã

Não consegui escrever ontem, só tive coragem agora pela manhã. E sim, o encontro aconteceu. Foi legal, me diverti bastante, Helena também. Júlio fez um ótimo trabalho para deixar a gente a sós, e tudo correu perfeitamente. Chegamos a conversar sobre relacionamentos, coisas do passado. Ela me contou sobre a Amanda, eu contei sobre a Laura (não quero ficar falando dela aqui), conversamos durante horas, acabei descobrindo que moramos relativamente perto, do tipo que podemos pegar o mesmo ônibus para casa, com diferença que desço primeiro e ela desce quatro pontos mais a frente. Foi realmente uma noite agradável.

Aquela noite não resultou no contato carnal que esperava, não que isso seja um problema, foi uma das melhores noites da minha vidinha medíocre. Realmente curti demais conversar com ela, mas combinamos de ver um filme amanhã no cinema. E para esse encontro eu tenho mais expectativas, afinal, vamos estar sozinhos passeando, assistindo filme e conversando. Na verdade, eu até já pensei em chegar mais cedo e escolher um livro para ela. Nós conversamos bastante sobre ele ontem, e como eu já li e ela não, acho que vai ser um presente bacana. Estou bastante confiante para esse encontro, sério mesmo, bastante confiante e empolgado. Se tudo correr tão bem quanto ontem, vai terminar em beijo. HAHAHAHAHAHAHAHA, vai terminar em beijo, que forma boba

para terminar esse relato aqui no diário, mas realmente gostaria que acabasse em beijo.....

10/11 – Madrugada

Uai, já faz uma semana que não escrevo nada por aqui. Hum, por onde eu começo (o mais engraçado é que só eu leio isso, logo, estou escrevendo para mim mesmo, mas como a minha psicóloga falou, a muito tempo atrás, as vezes nós precisamos rever nossos pensamentos para entrar em sintonia com nós mesmos), vamos lá. Estou ficando com Helena, e aparentemente a coisa vai ficar séria. Esse final de semana vou conhecer os pais dela (aparentemente eles fazem questão de conhecer com quem a filha deles sai, e é até uma forma de permitir que ela passe as noites aqui em casa). Estou um pouco nervoso com isso, ainda bem que Júlio vai estar junto. Nesse momento a amizade dele vai cair muito bem, até porque, não faço ideia de como os pais dela vão me receber. Assim, eu consigo me virar bem e falar sobre as mais diversas coisas, mas se eu não causar uma boa impressão, tudo que estou construindo com Helena pode dar errado. Malditos pais, ainda bem que estou distante dos meus a tanto tempo que nem sei o telefone de contato deles (às vezes sinto vontade de conversar com a minha mãe, saber como ela está e essas coisas).

Helena me perguntou sobre eles esses dias, bom, não tive muito o que falar. Meus pais sempre foram normais e de boa comigo. Eu que

sempre fui distante e me afastei deles, nada demais. Nunca foram cruéis comigo ou algo do gênero, muito pelo contrário, tudo que era possível ao alcance deles para me ajudar eles fizeram. Eu me afastei já faz alguns anos, para ser mais exato, desde que terminei com a Laura, logo após o término eu me afastei, continue indo a terapia até a última sessão paga. Depois nunca mais. Mas como contar isso para ela sem parecer que sou problemáticos? É simples, comentei que somos distantes e é isso. Mas que, se ela fizer questão, eu apresento ela para eles (eu espero do fundo do coração que isso não aconteça, porque eu vou ter que explicar muita coisa para os dois lados). E até agora não aconteceu. Mas ser distante dos meus pais causa um pouco de medo em conhecer os pais dela. Será que eles são legais? Ou do tipo escroto? Bom, amanhã vou descobrir e seja o que a sorte mandar, porque na boa, eu to bem feliz. E bem, não preciso reforçar aqui que nós nos beijamos no encontro do cinema né (acabei de lembrar que não escrevi nada sobre aquele dia aqui), na verdade não foi só um beijo. Ela veio aqui para casa naquela noite e assim começamos nossa relação, que ainda não é um namoro, mas acho que vai virar. Eu espero que vire.

15/03 – Noite

Já faz quatro meses estou namorando com a Helena. Já conheço todos os amigos dela, a maioria é bem legal, uma outra parte é bem

desagradável, para falar a verdade. Continuo muito amigo do Júlio, por incrível que pareça foi bem bacana ficar próximo dele (sem ser por interesse dessa vez). A Helena acabou de sair aqui de casa, vai passar a noite com os pais, parece que amanhã é aniversário do pai dela, então eles vão jantar juntos. Fui convidado para ir, mas honestamente não me sinto muito confortável em participar desses momentos de família. Ah, meu encontro com eles foi super tranquilo, eles me acolheram muito bem. A minha sogra (é bem estranho chamar alguém de sogra novamente) perguntou o que eu gosto de sobremesa, respondi que curto bastante pudim, e não foi que ela fez um pudimzão só para mim. Ela me deu a travessa para levar para casa. Cara, que pudim gostoso. Fazia tempo que não me sentia acolhido assim. Conversei bastante com meu sogro, conseguimos encontrar um assunto em comum (ele gosta muito de luta, então conseguimos conversar sobre boxe e o cenário nacional do esporte, eu até descobri que ele já assistiu uma luta do Touro Moreno, quando era jovem). Ficamos conversando por horas, e acho que Helena gostou disso, parece que Amanda não se dava muito bem com os pais dela (eles não tiveram problemas com o fato da filha ter uma relação homossexual, mas parece que a Amanda não conseguia ter uma relação de boas com os pais dela por não conseguir ter uma relação boa com a própria família, um papo louco assim). Falando na Amanda, ela está perturbando Helena quase todos os dias, eu já estou ficando incomodado, honestamente.

Ela liga para Helena pelo menos uma vez por semana, para perguntar como está, se quer se encontrar com ela para conversar. Quando nos

encontramos em um bar (as duas tem muitos amigos em comum, então aconteceu de um desses amigos ter convidado a Amanda para o mesmo local que a gente estava), ela ficou me interrompendo e diminuindo o tempo inteiro. Helena ficou muito puta (e eu achei lindo demais isso), pediu para ela parar, que estava sendo desagradável já. Simplesmente ignorei, estou acostumado a ser diminuído, inclusive esse é um dos motivos de preferir não conversar muito com outras pessoas.

Pelo que sei, as duas marcaram um encontro para conversar. Helena repudiou o comportamento dela comigo, e disse que não queria nada com ela, que era para Amanda seguir a vida e esquecer o passado. Bem, parece que para Helena esse encontro foi libertador. Depois dele, nosso relacionamento melhorou bastante. Foi como colocar um ponto final em uma questão que não para de incomodar. Eu sei como isso é libertador. Enterrar o passado, sem chance dele voltar ou retornar para assombrar você. Para Amanda esse encontro não foi tão bom assim, ela surtou, parece que chorou, e até na porta da casa da Helena ela apareceu. Isso está me dando nos nervos já, e o pior é, toda vez que acontece isso, meu relacionamento fica balançado. Parece que não foi tão um ponto final assim não é mesmo?

Eu estou ficando incomodado ao ponto de pensar em tomar providências, não vou bater na menina não, violência é estupidez, mas talvez conversar com ela, tentar resolver as coisas numa boa, afinal,

queremos o bem para Helena, e nesse momento eu que sou esse bem, sabe?

20/ 04 – Noite

Cara, essa situação com a Amanda está me tirando do sério. Ela não para de perturbar a Helena, parece que, até esperar na saída da aula dela, essa guria ficou esperando. Já conversei com ela, nos entendemos, só que mesmo assim nada resolve. Fico triste pela Helena, que cada dia que acontece algo como isso, ela fica arrasada, achando que fez mal para a guria e que nosso relacionamento não faz bem para Amanda.

Cara, caguei se faz mal para ela, na verdade o importante é fazer bem para nós dois, e isso esse relacionamento faz. O próprio Júlio me disse que nunca viu a amiga tão feliz com ninguém, e agora eu tenho que ficar aturando isso? Sério, essa situação já deu. Não vou perder meu relacionamento por causa de uma pessoa que não sabe superar um término. Na boa, é fácil superar o fim de algo, é só você literalmente colocar um fim nisso. E honestamente é isso que vou fazer. Vou colocar um fim nessa chatice. Helena merece ser feliz comigo.

02/05 – Manhã

Acabou de passar no jornal que uma jovem foi atropelada enquanto saia da faculdade que estudava. Helena me ligou chorando. Eu fiquei tentando entender o que ela dizia. Só consegui entender jornal e Amanda. Parece que Amanda foi a jovem atropelada. Não fico surpreso, na verdade foi informado pelo jornal que o atropelamento ocorreu na noite anterior e que a jovem veio a óbito nesta manhã.

Que chato não é mesmo. Bem, pelo menos Helena está livre dessa aporrinhção. Ela pode chorar e ficar triste por agora, mas sei o que é melhor para ela. Na verdade, estamos dando um tempo já faz umas semanas. Devido a insistência da agora falecida Amanda. Na última semana nós brigamos feio por causa dela, sério, foi uma briga e tanto. Ela saiu aqui de casa, levando todas as coisas que deixava de costume aqui. Eu sabia que ela não voltaria, e honestamente, perdi a cabeça um pouco. Essa gurria estava me deixando muito putto. Helena não conseguia entender como Amanda só estava fazendo uma chantagem emocional com ela. Não consegui resolver no diálogo, tentei de diversas formas, e nada deu certo. Tive que apelar até mesmo para os pais da Helena. Pedi para eles darem uma ajuda, uns conselhos para a filha, sei lá. Tentei de tudo. Nada parecia dar jeito nessa situação criada pela insistência de Amanda.

Bom, um carro deu, e honestamente nem foi tão difícil. Ela estudava a noite, saiu já era mais de 23:00, estava bem vazio a rua, foi muito

tranquilo. Bem mais tranquilo do que imaginei para falar a verdade. Agora acho que, com esse problema fora do caminho, Helena vai perceber que sou o melhor para ela, e nós vamos voltar a namorar. Sério, já tenho até em mente o presente que vou dar para ela. Júlio está me ajudando nesse processo de reconciliação, ainda bem que continuei investindo na amizade com esse cara. Estou colhendo belos frutos dela. E espero continuar colhendo.

10/ 07 – Noite

Cara, já faz um mês, na verdade mais de um mês que Helena terminou comigo por causa da Amanda. Acreditei que depois de resolver o problema com aquela garota, nós voltaríamos a namorar. Mas não foi bem isso que aconteceu. Ela se sentiu culpada pela morte da menina e isso fez a gente se distanciar mais. Cara, como fui burro, essa solução parecia a mais prática, mas se tornou a mais complicada.

Helena não quer mais falar comigo. Júlio pediu para eu dar um tempo, e assim, dei um tempo, esperei por três semanas. Agora que tentei entrar em contato com ela, descobri que Helena está saindo com um outro rapaz. Um cara fora do meu radar. Na verdade, fora até mesmo do radar do Júlio. Como que o melhor amigo dela não sabia desse rapaz? Será que ela pediu para não me contar? Bem, diversas são as ideias. Mas, como sempre, a magia do mundo digital me permitiu saber tudo sobre o cara. Helena só precisou postar uma foto e marcar o cara, só

umazinha. Consegui pelo Instagram dele, descobrir onde mora e os lugares que frequenta.

Bem, ele parece ser uma pessoa bacana, frequenta lugares de gente rica. Tem boa aparência (quem eu estou tentando enganar, esse cara é lindo) e honestamente parece ser um bom companheiro para Helena. Mas só eu posso fazer ela feliz. E o mais triste é que ela não entende isso, do mesmo jeito que a Laura também não conseguiu entender durante o nosso relacionamento. Mas novamente o que está enterrado, está enterrado. Vou tentar descobrir mais coisas sobre esse cara. Ver se ele tem alguma falha, enquanto isso vou tentando me aproximar da Helena, e espero conseguir, afinal, sei como deixar ela feliz. Eu sei tudo sobre ela.

15/07 – Madrugada

Segui aquele merdinha nas mídias digitais. Acompanhei o cara em tudo, com um perfil falso é claro, e tomei o cuidado de não usar o mesmo perfil que utilizava para saber da vida da Amanda, e não utilizar o perfil que uso para saber da vida da Helena, sim, eu sei que é feio ficar vigiando ela por um perfil escondido, mas só assim eu saberia desse cara escroto. Já que ela me bloqueou dessa publicação, de todas as publicações que têm esse cara na verdade. Eu sempre logo bloqueando meu IP, assim não tem como me registrar, e por consequência, fica impossível saber que eu conhecia a pessoa em questão. Depois de

alguns dias olhando as postagens do cara eu percebi que ele e Helena já estão com muita intimidade, na verdade tenho certeza que eles estão namorando. Até o Júlio não fala mais comigo. O que é muito engraçado, já que investi tanto nesta amizade e de verdade eu gostava dele. Agora eu percebo que não vale a pena mais. Seria ele um problema também? Acho que não. Ele é só um amigo da Helena, e por pior que esteja agindo comigo, é um bom amigo para ela, e eu realmente quero o bem para ela. Ele é um cara legal, não é um problema não. Já esse rapaz, ele é sem dúvida um problema. Se tem alguém que pode afastar Helena de mim é sem dúvidas ele. O cara é bom em tudo (pelo menos nas mídias digitais), não parece ser o tipo de pessoa que se exclui fácil. Vou ter que pensar bem em como fazer dessa vez. Só um empurrão na frente de um carro não vai bastar.

Estou a madrugada inteira pensando em uma possibilidade. A única que vem a cabeça é entrar em contato com esse cara, informar que sou de um escritório e quero oferecer uma vaga de emprego para ele. Aparentemente, ele está procurando um emprego e está com dificuldades, parece que ele gosta de audiovisual e tem interesses em artes e fotografias (nunca achei que o LinkedIn de alguém me ajudaria a conhecer detalhes úteis de alguma pessoa). Vou entrar em contato com ele, marcar uma entrevista, na faculdade mesmo. Conheço um lugar perfeito, que ninguém vai, e que quase sempre está deserto, para receber esse pequeno jovem. Depois dessa entrevista eu realmente espero que Helena entenda que sou tudo de melhor para ela. De verdade eu espero.

20/07 – Noite

Deu tudo certo com a entrevista, provavelmente amanhã os jornais vão anunciar. Bem, dessa vez eu peguei o telefone do rapaz (novamente a tecnologia me ajudando. O aparelho do cara é desses que desbloqueia com o dedo sabe? Então só precisei de uma sacola, gelo e pronto. Acesso ilimitado ao celular e a todas as contas do rapaz), consegui ver todas as mensagens dele com Helena, e cara, ele realmente acreditou que essa entrevista ia dar certo. Convencido de merda. Eu ainda não consigo entender como Helena sentiu atração por esse cara. Ele não é nada diferente de todas as outras pessoas que convivi. Todos desprezíveis e que se acham os melhores do mundo.

Enfim, isso não adiantou muito para ele no fim das contas. Agora ele não é tão melhor que ninguém, na verdade está em pé de igualdade com a maioria das pessoas. Mas estar com o celular dele não foi de todo desperdício, pude mandar uma mensagem para Helena, dizendo que ela não prestava e que era estúpida e os caralho (como foi difícil xingar ela, mesmo que para prejudicar esse cara), ela deve estar até agora sem entender, e o resultado já rolou. Júlio me enviou uma mensagem dizendo que o babaquinha foi desagradável com a Helena, e que agora seria minha chance. Mal sabe ele que eu já estava ciente dela..

Vou aproveitar com todas as forças. Amanhã ela provavelmente vai estar arrasada, melhor esperar algumas semanas para tentar me aproximar. Dessa vez não tem erro, Helena vai ser minha. Ela vai entender de qualquer modo, não importa quantos problemas eu tenha que eliminar, ela vai entender isso. Ah se vai.

15/ 08 – Madrugada

Finalmente consegui conversar com Helena. Ela ficou de vir aqui em casa amanhã. Estou empolgado, mas pronto para o pior, até porque, a última ligação dela foi meio fria. Quando ela recebeu a notícia que encontraram o rapaz atrás de um galpão perto da faculdade ela ficou devastada. Esperei como havia comentado. Fiquei pronto para entrar em ação. Mas na morte desse bostinha houve uma investigação mais aprofundada, esse é o problema de lidar com pessoas ricas. Teve muitas perguntas, e até eu mesmo fui convocado para depor. Fiquei mega tranquilo porque honestamente é impossível ligar algo a minha pessoa.

Mas para Helena isso não era impossível. Ela estava desconfiada desde o acidente da Amanda, e parece que agora ela tem certeza que tenho envolvimento, e pela nossa última conversa, parecia que estava pronta para me acusar.

Espero que esteja apenas errado. Que ela venha aqui para gente voltar a namorar e tudo ficar às mil maravilhas. Realmente não gostaria que ela se tornasse um problema, assim como todos os outros, assim como a Laura. De verdade, não desejo. Vou ficar aguardando ela chegar, e independente da resposta que rolar, vou fazer a última anotação neste diário. Para o bem ou para o mal, este diário sabe demais.

A Velha na
montanha

Capítulo 1

Já era tarde da noite e Cássio não conseguia pegar no sono. Sua mente o atormentava com visões de um possível futuro terrível e que infelizmente, como ele mesmo sabia, inevitável. Decidiu sair da cama, afinal, era um desperdício tentar dormir, isso só aumentava sua frustração.

Era uma noite fria e chuvosa, o que o fez refletir mais amargamente, que todas as noites difíceis tinham esse mesmo ar melancólico. Ele se enrolou na coberta e caminhou pelo corredor de sua casa até a sala. Pegou seu celular que estava carregando sobre a mesa de centro e conferiu as horas, eram 02:45 da madrugada.

Desanimado, Cássio caminhou até sua estante, revirou algumas gavetas para encontrar seu cachimbo de madeira. Pegou o cachimbo e enquanto separava o fumo leve e separava os fósforos longos para acender e desfrutar do momento, lembrou de sua ex-esposa.

O sentimento de melancolia cresceu em seu coração, desejou profundamente que ela estivesse ali ao seu lado agora, para ajudar a passar por toda essa situação desagradável que ele se encontrava.

Riscou o fósforo enquanto seu pensamento se perdia lembrando dela. Sentou no sofá e lentamente começou a fumar seu cachimbo. Em pouco tempo a sala já estava envolta de fumaça e seus pensamentos. Cássio começou a refletir sobre os motivos do término de seu casamento. Oras, para ele, eles eram um casal tão feliz, tão alegre. Cássio não conseguia entender como uma relação tão estável desandou para um amargo fim. Enquanto fumava, lembrou da última vez que conversou com Ana, sua ex-esposa. Ela estava com a mala pronta, parada na porta, Cassio notou os olhos cheios de lágrimas de

Ana, mas preferiu não questionar o motivo, afinal, para ele era óbvio que ela estava saindo.

Cassio recordou de ter perguntado se Ana teria algum lugar para dormir, se alguma amiga a receberia para ela estar saindo assim. Ana então respirou fundo, segurando as lágrimas e olhando para Cássio perguntou - Essa é a única coisa que você tem para me dizer? Ele não entendeu o tom da pergunta, para ele, aquilo era o melhor a se perguntar, se ela já havia decidido ir embora, se já estava com as malas prontas, não havia nada que podia ter feito. Cassio então balançou a cabeça em negativa. Ana abriu a porta do apartamento que antes era deles, olhou para trás uma última vez e disse - Eu espero que você aprenda a tomar atitudes Cássio, espero do fundo do meu coração. Bateu a porta e se foi.

Cassio refletiu sobre essa frase, tomar atitudes, o que ela queria dizer com isso? Ficou sentado pensando, afinal, ele era um homem de atitudes, vivia tomando atitudes em seu trabalho. Tinha acabado de sair de uma grande campanha para o lançamento de um novo serviço de um dos clientes da agência que trabalhava. Ele foi o coordenador de toda a campanha, como o redator chefe. Cassio sabia que era uma pessoa de atitudes. Continuou divagando sobre seu trabalho, quando percebeu que seu fumo havia apagado. Não quis continuar fumando, se levantou, foi ao cinzeiro, tirou as cinzas, depois limpou o cachimbo por dentro e em seguida o guardou.

Continuou sentado no sofá olhando para sua varanda, percebendo os primeiros raios de sol surgirem ao longe. Neste momento encontrou um pouco de paz em sua mente e conseguiu dormir.

Capítulo 2

Seu sono durou pouco mais que alguns minutos. Ele logo foi despertado pelo toque de seu celular. Em um salto apalpou em volta do sofá a procura do aparelho. Seu coração estava disparado, parecia que iria

explodir, sua cabeça girava, seu corpo ainda cansado pela noite em claro e pelo cochilo mal dormido parecia pesar o dobro. Cassio parou por um segundo, respirou fundo, esperando que tudo voltasse ao normal, e então seguiu procurando o telefone.

O aparelho estava entre as almofadas do sofá, e quando Cássio pegou o aparelho, aquilo que ele mais temia veio a tona. Na tela marcavam 15 ligações perdidas. O número era de seu pai.

Sentiu uma pontada muito forte em seu coração, apenas ler a palavra pai na tela de seu aparelho celular já causava um sofrimento terrível. Pensou em retornar a ligação, mas tinha medo do que iria ouvir. Decidiu então ficar com o celular na mão, aguardando a décima sexta ligação de seu pai.

E ela demorou acontecer. Seu pai retornou a ligar ao meio dia, mas para Cássio, parecia que havia demorado um mês inteiro. Ele prontamente atendeu a ligação. Ouviu a respiração cansada de seu pai do outro lado da linha. Respirou fundo e tentou perguntar, mas sua voz simplesmente sumiu. Com o aparelho no ouvido, ouviu a voz firme de seu pai - Cássio, você está aí meu filho? Cássio tomou coragem e com a voz fraca conseguiu responder que sim. Seu pai então prosseguiu - Eu tentei te ligar mais cedo, mas acredito que você estava dormindo, por isso não quis atrapalhar.

Cassio percebeu que a voz firme de seu pai começou a marear um pouco, como se estivesse tentando segurar o choro ou manter uma postura. Ele reuniu coragem e falou - É, eu vi suas ligações, fiquei aguardando o retorno, aconteceu alguma coisa? Pronunciar essas palavras fizeram o coração de Cássio parar por um segundo. Seu pai deu um suspiro fundo e então respondeu - É sua mãe meu filho. Ela piorou muito, acredito que ela só está esperando você para se despedir e poder descansar. Essas últimas palavras saíram seguidas de soluços e um choro contido.

Cássio ficou totalmente sem reação, e por um momento, acreditou que ele havia morrido. Mas o soluço e choro abafado de seu pai o voltaram para a realidade. Ele respirou fundo e disse - Eu vou preparar minha mala, pedir uma licença na agência, pegar o carro e sair o mais rápido possível, acredito que consigo deixar tudo preparado para sair umas 18:00 daqui e chegar aí amanhã pelo fim da manhã, no máximo ao meio dia.

Seu pai retomando o controle, do outro lado da linha agradeceu ao filho, pediu para que viesse com cuidado e desligou.

Cássio ainda ficou segurando o aparelho colado ao ouvido por um longo tempo, ainda meio incrédulo com a notícia. No fundo ele sabia que ela chegaria a qualquer momento, mas mesmo assim, descobriu que por mais que você pense ou deseje, você nunca está preparado para os últimos momentos em vida da sua mãe.

Ele então respirou fundo, correu para arrumar sua mala, pegou o telefone enquanto separava as roupas e ligou para seu trabalho. Não se alongou muito, a dona da agência desejou as condolências e concedeu 15 dias de licença para que ele lidasse com a situação e confortasse a família. Desligou o telefone, terminou de arrumar sua pequena mala, deitou um pouco na cama e quando menos percebeu, caiu em um sono pesado. Em seu último momento meio acordado meio dormindo acreditou que sonharia com sua mãe, infelizmente ele estava equivocado.

Capítulo 3

Estranhamente Cássio sabia que estava em um sonho e ao mesmo tempo reconheceu de imediato o lugar que estava. Era a velha montanha próxima a casa de seus pais. Ele imediatamente estranhou, afinal, de tudo que ele imaginou sonhar, jamais imaginou sonhar com esse lugar, e porque justamente esse lugar? Não fazia o menor sentido para ele.

Cassio olhou em volta da montanha, ela não era muito íngreme ou muito alta, e forçando um pouco a lembrança, se recordou que no topo havia uma casa a muito abandonada. E para surpresa dele, esta casa estava lá, do jeito que ele se lembrava. Em sua cabeça aquilo não fazia o menor sentido, mas como era um sonho, decidiu se deixar levar.

Ao olhar para casa, uma sensação de pânico tomou conta de seu coração, sentiu que algo o sufocava, era um aperto terrível, e ele desejou com todas as forças que aquilo parasse. No desespero de tentar escapar daquela situação ele acordou, mas nos segundos finais de seu sonho ouviu uma voz cadavérica sussurrar em seu ouvido - Você vai voltar para mim, meu querido garoto!

Ele levantou com um salto da cama. Seu coração ainda disparado pelo sonho. Aquela voz ecoando em seus ouvidos, congelando sua espinha ainda pairava sobre sua cabeça. Quando voltou a si, decidiu olhar as horas no celular, afinal, deve ter dormido toda a tarde. Mas para sua surpresa, foram apenas alguns minutos.

Talvez tenha sido o susto do que agora ele considerava um pesadelo, ou a urgência da situação, mas Cássio não se sentia cansado. Muito pelo contrário, estava com toda disposição do mundo. Bebeu o resto de café que tinha na garrafa, pegou as chaves do carro e partiu para a estrada.

A viagem era longa, contando com eventuais paradas para abastecer o carro, usar o banheiro ou se alimentar, ele calculava que levaria umas 15 horas para estar ao lado do pai.

Ligou o rádio do carro, sintonizou com seu aparelho celular e escolheu uma das playlists preparadas para viagens longas. Costume esse que herdou de Ana. Pensar nela trouxe outra onda de melancolia, desejou profundamente que ela estivesse ali com ele agora. E com um impulso do sofrimento decidiu ligar para ela.

O telefone tocou e tocou, até que quando Cássio já havia perdido as esperanças, ela atendeu. Ele imediatamente disse- Oi Ana, desculpe te ligar, é que bem..... As palavras faltaram novamente.

Ana então respondeu - Seu pai já me ligou, eu... sinto muito Cassio. De verdade. Ele respirou fundo e disse - Eu ainda não consigo acreditar, bem ela ainda está viva, talvez aconteça um milagre ou algo assim... Parou de falar ao perceber o quão bobo era o que estava dizendo. Ana prosseguiu - Querido, você sabe que ela está sofrendo, é melhor ela descansar. Eu sei como é difícil. Uma onda de fúria passou por Cássio que respondeu - VOCÊ SABE? COMO VOCÊ PODE SABER? EIN? EIN? Ana calmamente continuou - Você tem razão, não tem como eu saber, me desculpe. Mas você sabe que é o melhor a se fazer.

Ele respirou fundo, acalmou-se um pouco e continuou - Sim, eu sei. É que dói muito sabe. Ana concordou do outro lado da linha. Ela então continuou - Olha.... Eu não posso estar com você hoje, mas prometo que tento assim que puder ir para a casa do seus pais. Para ajudar com o que precisar, ok?

Essa frase confortou um pouco o coração de Cássio, que assentiu ao telefone. Eles se despediram e então Ana desligou. O resto da viagem foi silencioso, mesmo com a música agitada tocando no rádio, Cássio não conseguia parar de pensar no seu sonho.

Por que aquele lugar? De quem era aquela voz? O que o fez lembrar daquele maldito lugar? Ele não encontrava respostas. Quando parou para tomar um refrigerante e comer um salgado enquanto abastecia seu carro todas as respostas vieram em sua cabeça. E ele amargamente se lembrou do motivo de ter lembrado daquele lugar.

Capítulo 4

Cássio era apenas uma criança, devia ter seus 7 para 8 anos. Ele adorava brincar na parte baixa daquela montanha, afinal era o cenário ideal para a aventura de seus bonecos. Lá tinha pedras, terra, grama, enfim, era um local agradável e ideal para brincar. Sua mãe sempre o acompanhava quando ia brincar ali, enquanto ele ficava sentado se divertindo com seus bonecos, sua mãe conversava com sua amiga que morava em frente a montanha.

Nesse dia em questão, que Cássio fez o possível para esquecer, sua mãe não o acompanhou, na verdade, ele saiu escondido. E como estava sozinho, decidiu que era hora de brincar um pouco mais para cima da montanha, talvez lá tivesse mais coisas divertidas para brincar, como pedras maiores que poderiam servir como uma toca para seus bonecos, enfim, ele subiu. De onde ficou, conseguiu observar a casa no topo da montanha, a mesma casa que o atormentou em seu sonho. Era uma casa nitidamente abandonada, com janelas quebradas, sem cerca ou portão. A porta principal estava aberta, com uma placa ao lado que Cássio não conseguia ler.

Como toda criança, ele logo esqueceu a casa e focou sua atenção em sua brincadeira. Ele estava muito empolgado, sabia que estava burlando as regras dos pais e isso aumentou mais ainda a aventura, fez com que ele se sentisse um verdadeiro bad boy. Sua atenção da brincadeira só foi quebrada quando Cássio percebeu um forte cheiro de café, ele não bebia café, mas adorava o cheiro. De repente o cheiro de broa de milho se juntou ao ar, era o belo cheiro de um café da tarde, e como cheirava bem, parecia estar delicioso.

O cheiro foi deixando Cássio com fome, e ao procurar a origem dos aromas, ele direcionou seu olhar para a casa no topo da montanha. No primeiro momento ele levou um susto, pois a casa que antes estava abandonada, tinha agora uma senhora que aparentava ser muito velha parada a porta. Cassio imaginou que por ela ser muito velhinha, ela não conseguia reparar a casa e por isso ela parecia abandonada. Continuou olhando para a senhora, e o que o arrepiou todo foi o momento que ela

fixou o olhar nele. Ela tinha olhos frios e sem vida, mas um sorriso convidativo, e uma bandeja com broa de milho quentinha.

Ela acenou para Cássio, convidando a subir, ela pegou uma broa do prato e mordeu, arregalando ainda mais seu sorriso, gesticulando com a mão para que ele subisse. Meio confuso com toda a situação ele subiu.

Quando chegou mais próximo da casa conseguiu ler a placa, nela dizia - Casa com risco de desabamento, não entre. Ao desviar o olhar da placa e focar na senhora, Cássio percebeu que ela possuía dentes podres e afiados como presas. Cada passo mais perto da casa, o cheiro que antes lembrava um delicioso café da tarde, se tornava algo pútrido e nauseante. Sem conseguir entender o motivo, ele não conseguia parar de subir, muito menos de desviar os olhos da senhora, que agora parecia ainda mais velha. Seu vestido que antes parecia branco, limpo e bonito foi se transformando em um trapo velho e sujo, grudado ao corpo daquela criatura disforme.

Cássio estava a poucos metros da senhora, o cheiro agora era insuportável, e ele sentiu seu estômago revirar, parecia que se desse mais um passo ele vomitaria os próprios órgãos. O cheiro era de pestilência e morte, e com muito esforço ele conseguiu evitar dar mais passos. A criatura que ao longe parecia uma doce idosa sorridente com um prato de broa de milho, deu um grunhido que gelou a espinha da pobre criança. Cassio infelizmente se lembrou da voz dessa criatura, e para seu espanto maior, era a mesma voz que sussurrou em seu sonho. Para seu desespero maior, a frase que a criatura disse para Cássio naquele dia, antes dele recuperar suas forças e descer montanha abaixo, foi a mesma que ele ouviu em seu sonho - Você vai voltar para mim, meu querido garoto!

Capítulo 5

Cássio não sabe quanto tempo ficou parado em choque na lanchonete do posto, ele só foi despertado pelo toque de seu celular. Era seu pai

perguntando onde ele estava e se ainda conseguiria chegar no horário combinado. Ele disse que chegaria sim e que logo mais estaria ao lado do pai para consolá-lo. O que ele não disse é que desejava consolo naquele momento, não pela iminente perda de sua mãe, mas sim por ter lembrado aquela experiência terrível.

Foi ao banheiro do posto, lavou bem o rosto e voltou para a estrada. Trocou de playlists diversas vezes tentando tirar aqueles pensamentos sobre a velha na montanha. Mas todos os esforços foram em vão.

Sua viagem foi mais curta que o tempo planejando, porém muito mais exaustiva do que imaginava, só de pensar que a cada quilômetro que ele avançava, estava também avançando para mais próximo daquele lugar maldito fazia sua cabeça doer intensamente.

Mas toda viagem chega ao fim, e quando ele menos se deu conta, já estava desligando o carro na garagem da casa de seus pais. Saiu prontamente ao encontro de seu pai. Vê-lo ali deu um certo conforto e sensação de proteção que Cássio tanto precisava.

Os sorrisos do reencontro duraram pouco, como Cássio havia prometido, ele chegou próximo da hora do almoço. Eles comeram em silêncio, com poucas palavras aqui e ali, mas nada que levasse a uma conversa de fato. O clima era pesado e os dois sentiam isso, afinal, assim que terminassem de almoçar, teriam que se aprontar para se despedir de uma pessoa amada.

No caminho até o hospital, seu pai colocou o velho CD que costumava ouvir. Cássio lembrou de ter presenteado o pai com ele. Ele olhou para o pai e perguntou - Você ainda tem esse CD, hein? Já tem uns 4 anos que te presenteei com isso, não é mesmo? Ele então sorriu e respondeu - Sim, sim Cássio, meu garoto. Esse é meu CD favorito, escuto todo dia, você acertou em cheio nesse presente. Essa por exemplo é a música favorita da sua mãe... Essas palavras deram um fim a conversa, ambos

ficaram cabisbaixos e não disseram mais nada até a chegada do hospital.

Quando chegaram, o pai de Cássio foi recebido pelos atendentes do ambulatório, todos brincando e rindo com seu velho. Era um tal de “opa! seu Conrado isso”, “opa! seu Conrado aquilo”. Cássio sempre admirou essa capacidade de cativar as pessoas que seu pai possuía. E no fundo ficou feliz, pois percebeu que de certo modo seu pai não passou por toda essa barra sozinho.

Os dois caminharam até a recepção. Cássio pegou o crachá para entrar no quarto e visitar sua mãe, olhou para seu pai que continuou sentado nas cadeiras da recepção, então perguntou - Você não vem comigo pai? Ele então respondeu -- É seu momento de se despedir meu filho, eu já fiz isso ontem à noite. Depois entramos juntos, mas agora acho melhor apenas você, ela está te esperando.

Essas palavras ecoaram pela cabeça de Cássio enquanto ele avançava as alas do hospital. Finalmente chegou em frente à porta onde sua mãe estava. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ele precisou reunir muitas forças para girar a maçaneta e entrar porta a dentro.

Sua mãe estava deitada, respirava com dificuldade ele percebeu. Ela estava magra, fraca e quase sem vida, dolorosamente ele percebeu o esforço que era para ela continuar lutando. Isso o devastou, ele chegou próximo ao leito, andando com todo cuidado para não acordar sua mãe. Quando ele encostou na cama, percebeu que ela estava acordada, e por um segundo, pareceu que sua saúde tinha voltado, seu rosto ganhou cor, e sua respiração voltou a um ritmo satisfatório. Ele imediatamente segurou as mãos de sua mãe, e em lágrimas começou a dizer o quanto a amava. Pediu desculpas por demorar tanto tempo para estar ali ao lado dela, e que ela poderia descansar, que ele cuidaria de seu pai.

Ao dizer essas palavras, reparou um grande sorriso no rosto de sua mãe, ela apertou forte sua mão e disse muito nitidamente - Eu te amo muito meu filho, obrigado por ficar com seu pai.

Em seguida, todo seu brilho desapareceu, e ela voltou a parecer sem vida e a respirar com dificuldades.

Cássio continuou no quarto pela próxima hora, até que seu pai bateu a porta para buscar o filho e dar um último beijo na amada esposa.

Ela morreu naquela mesma tarde, e antes de cair a noite, os amigos e parentes já estavam dando todo apoio. O velório seria na capela favorita de sua mãe no dia seguinte. Cássio fez questão de ajustar todos os detalhes e deixar seu pai descansar um pouco, afinal, por anos ele lidou com isso sozinho.

Naquela noite nenhum dos dois conseguiu dormir. Cássio estava na varanda fumando seu cachimbo quando seu pai apareceu com dois copos e uma garrafa da cachaça favorita dos dois. Ele perguntou ao filho - Vai um gole? Pelos velhos tempos? Cassio sorrindo respondeu – Sr. Conrado, quem diria que o senhor se mostraria um velho beberrão, hein? Os dois sorriram e ficaram sentados aproveitando da boa cachaça.

O Sr. Conrado, reparando no olhar triste que o filho depositava no cachimbo perguntou - Foi um presente da Ana, né? Ela era uma ótima menina, até hoje não sei como você a deixou escapar. Cássio saiu de seu devaneio, voltando a atenção para seu pai e respondendo - Sim, foi um presente dela sim. Eu também não sei responder a essa pergunta pai, acho que a deixei escapar, não sei como isso aconteceu.

Você conversava com ela? Se abria? Questionava qualquer coisa que fosse? Perguntou o Sr. Conrado para seu filho. Cássio por sua vez apenas balançou a cabeça negativamente para todas as perguntas.

Então aí está o problema, você foi covarde, não quis questionar para não ter que lidar com os possíveis problemas. Ele se levantou e bateu no ombro do filho. Cássio ficou sem reação, como assim um covarde? Ele não era isso, de maneira alguma. Meio incomodado perguntou ao pai - Como assim um covarde? Eu fiz de tudo para que ela ficasse sempre bem, parando para analisar, ela que foi uma ingrata e não soube reconhecer meu esforço.

Seu pai deu uma longa gargalhada, em seguida virou para o filho e disse - Não mesmo, meu garoto, ela não foi ingrata com você, você só foi covarde. Só isso. Se você realmente acha que apenas fazer o que você acha que deixa a outra pessoa bem é um relacionamento saudável, isso só mostra que ela realmente gostava muito de você.

Cassio meio confuso confrontou o pai - Eu, eu, realmente não entendo.

Sr. Conrado pegou os copos e tampou a garrafa, olhou para o filho e disse - O fato de você não entender só mostra o quanto o ingrato foi você. Um relacionamento não é só você fazer o que acha que é o bom para outra pessoa. É estar presente, sendo companheiro, um parceiro, até os últimos momentos. No dia que você entender isso, você vai perceber como você é covarde e tem medo de enfrentar seus medos.

Cassio decididamente chateado se levantou e disse - Eu não tenho medo de enfrentar nada, e não sou covarde. Tomo decisões diariamente que tenho que me arriscar. Saio da minha zona de conforto o tempo inteiro, não é justo o que você está me dizendo, o fato de eu estar aqui já é a prova disso.

O Sr. Conrado respirou fundo, colocou os copos sobre a mesa e apoiou as mãos nos ombros do filho e disse - Meu garoto, você pode até tomar essas decisões no seu trabalho como diz, mas perdeu oportunidades de trabalho muito maiores apenas por comodismo e medo de começar em um novo lugar, você perder uma esposa que te amava, simplesmente por medo de descobrir se tinha algo errado no seu relacionamento e o

pior, estendeu o sofrimento da sua mãe, simplesmente por não ter coragem e não estar pronto para se despedir.

Cassio ouviu as palavras do pai e algo dentro dele desmoronou. No fundo ele sabia que o que acabara de ouvir era verdade, então sem ao menos conseguir responder ou dizer qualquer coisa, começou a chorar, como não chorava há muito tempo. Correu e abraçou seu pai, aninhou sua cabeça sobre o aconchego e conforto que seu pai representava naquele momento, e assim eles ficaram por um longo tempo.

Capítulo 6

Cássio achou que não conseguiria dormir, mas foi apenas deitar na cama que o sono instantaneamente caiu sobre ele. Pensou ter visto sua mãe acariciando sua cabeça antes de cair definitivamente no sono, e de forma equivocada acreditou que seria uma noite de sono confortável.

Demorou pouco para descobrir que não, novamente estava diante da montanha que agora estava poucos minutos de caminhada de distância. Com uma diferença, nesse sonho ele estava com seus 8 anos de idade novamente, pode perceber isso ao olhar em suas mãos após esfregar os olhos, reparou em suas pequenas mãos de criança. No topo da montanha a casa estava lá, vazia, decadente, mas com uma aura maligna que ele não conseguia explicar, apenas sentir.

Tentou descer a montanha, quando avistou outra criança, uma garota para ser mais preciso, ela parecia ter uns 10 anos. Ela estava completamente suja de barro, com as roupas rasgadas e grudadas ao corpo, os dentes estavam todos podres, com algumas falhas nos espaços onde antes haviam dentes de leite. Seu cabelo era um emaranhado de nós impossível de arrumar ou pentear.

Ela olhou para Cássio e disse - Ei menino, você já está indo embora? A vovó quer a gente lá em cima com ela. Não precisa ter mais medo, ela

já se livrou de quem afastava você dela. Agora nós dois podemos brincar juntos para todo sempre e dar para a vovó uma nova vida.

O hálito podre que saía da boca da criança gerou asco no pequeno Cássio do sonho. A garota estava com a mão estendida para ele, que de relance olhou para a casa, e lá estava ela, rindo e se deliciando com o encontro de suas duas crianças. Cassio podia ouvir a gargalhada da criatura, era fria e sem vida.

Ele relutantemente afastou sua mão da garota que começou a chorar. Ela correu em direção a criatura que a acolheu e aninhou em seu corpo disforme. A criatura então olhou para Cássio, não mais sorria agora, e ele pode ouvir aquela voz terrível dizer - Você sabe como acabar com isso minha criança, venha me encontrar.

Capítulo Final

Cássio acordou assustado, ele nunca havia sentido tanto medo em toda sua vida. Respirou fundo tentando encontrar conforto, mas não obteve. Pegou seu celular e descobriu que ainda eram 02:30 da madrugada.

Ele se levantou e foi até a varanda da casa. De lá ele conseguia ver a montanha, que parecia chamar por ele, era um chamado que ele podia sentir no seu interior, e que era difícil de resistir.

Como um supetão, seu pensamento foi direcionado para Ana, ela deveria estar na estrada nesse exato momento, já que mais cedo ela havia informado que estaria no velório. Pensar nela só fez seu medo aumentar, pois ele lembrou da fala da criança em seu sonho, que a vovó já havia se livrado de quem o afastava dela.

Pensou em tudo que seu pai havia lhe dito, e decidiu não ser mais um covarde. Se era isso que aquela criatura queria, era o que ela teria. Ele colocou um casaco, abriu a porta da frente da casa e caminhou madrugada a dentro para a montanha.

Cada passo fazia seu coração bater mais rápido, e ele acreditou que até chegar na montanha já teria explodido, mas isso não aconteceu, o que fez com que ele desejasse que tivesse acontecido. Cassio começou a chorar, de alguma forma ele sabia que não tinha mais volta.

Quando chegou no pé da montanha, conseguiu ver sua mãe, ela segurou seu braço, olhou nos olhos do filho como se pedindo para dar meia volta, desistir dessa ideia, mas não tinha mais volta. Ele precisava fazer isso, pois sabia que se desistisse agora, Ana também seria tirada dele para sempre.

Ele começou a subir a montanha, e boas lembranças de sua infância começaram a surgir em sua mente, uma espécie de conforto antes da tormenta, tristemente pensou. Continuou sua subida quando de repente avista uma mulher, jovem, bonita e que sorria para ele. Ela correu em direção a Cássio. Enquanto ela corria, ele reparou em seu longo vestido vermelho, que balançava com o vento. Ela tinha um cheiro muito agradável, que se podia sentir a distância.

Quando ela parou em frente a Cássio ele percebeu, essa linda mulher era a mesma garota de seu sonho. Ela sorriu, e ele pode perceber que todos os dentes podres haviam desaparecido e dado lugar para um sorriso deslumbrante, o hálito desagradável, agora era um doce aroma. Tudo nessa mulher esbanjava a perfeição, de forma que Cássio acreditou ainda estar sonhando.

Ela sorriu para ele e disse - Você finalmente veio, vovó garantiu que você chegaria mais cedo ou mais tarde. Vem, ela está esperando a gente.

Ela estendeu a mão e nesse momento Cassio percebeu o motivo de estar ali. Ele não hesitou, segurou as mãos da mulher e seguiu montanha acima, para finalmente encontrar a criatura.

Eles chegaram à porta da casa, lá de dentro uma senhora que aparentava ter mais de 100 anos foi até eles. Ela sorria e batia palmas de alegria, enquanto fixava os olhos sem vida em Cássio. Ela pediu para que a mulher deixasse a mão do rapaz, e ela prontamente obedeceu. Caminhou em direção a Cássio, ainda com seu sorriso estampado, segurou as mãos do rapaz e neste momento ele paralisou. O toque era frio, muito frio, como nada antes sentido por Cássio. Ela percebendo o desconforto do rapaz gargalhou mais alto.

Ainda segurando as mãos dele começou a falar - Você sabe por que está aqui não é mesmo, meu rapaz? Você é livre para ir embora, porém sua amada Ana vai ter o mesmo destino miserável que sua querida mãe.

Cássio começou a chorar, reuniu coragem e disse - Sim, eu sei porque estou aqui, me entrego de livre e espontânea vontade, mas por favor, que nada de ruim aconteça com a Ana.

A velha então mais uma vez gargalhou, o cheiro podre de morte tomou conta do lugar. Ainda segurando as mãos do rapaz ela disse - Sábia escolha, meu jovem, sábia escolha. Você devia ter sido meu há muito tempo atrás. Infelizmente o destino de sua amada Ana já foi traçado no dia que você escapou de mim a primeira vez.

Então Cássio olha para trás e percebe que ao lado de sua mãe, está também Ana. A maldita criatura já a havia levado. E talvez fosse isso que sua mãe tentou dizer no início da montanha.

Cássio se sentiu traído e desamparado, lembrou da promessa que havia feito para sua mãe, de que protegeria seu pai. E era isso que ele iria fazer. Olhou bem nos olhos da velha, que agora mostrava sua verdadeira forma, uma criatura medonha, com feridas pútridas por todo o corpo e garras no lugar de unhas, olhos completamente escuros e sem brilho, dentes que pareciam presas, completamente pobres, uma

língua igual de uma serpente, ela gargalhava enquanto apertava cada vez mais o pulso de Cássio.

Ele olhou para o lado e onde antes se encontrava uma linda mulher, tinha uma pessoa muito similar a criatura, porém ainda possuía olhos com um brilho humano, olhos que pareciam pedir desculpas, olhos que demonstravam medo.

Chorando Cássio aceitou seu destino, e enquanto a criatura arrancava um pedaço de seu pescoço com uma mordida ávida e feroz, ele pronunciou suas últimas palavras - Eu não sou um covarde, faço isso pela segurança do meu pai.

A criatura se deliciando com a carne e sangue do rapaz, olhou para seus olhos, que apresentavam um brilho confiante e determinado, ela então concordou com a proposta de Cássio, que caiu na escuridão e eternamente foi condenado a alimentar a fome insaciável da Velha na montanha.